

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RÁDIO E TELEVISÃO

MOGAJI-METÁ RIBEIRO BRAGA

COMUNICAÇÃO SOCIAL E HQS:

Marvel – um paralelo entre a arte e a sociedade

SÃO LUÍS

2025

MOGAJI-METÁ RIBEIRO BRAGA

COMUNICAÇÃO SOCIAL E HQS:

Marvel – um paralelo entre a arte e a sociedade

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Comunicação
Social - Rádio e TV da Universidade
Federal do Maranhão, para obtenção do
grau de Bacharel em Comunicação Social

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gonçalves
da Conceição

SÃO LUÍS

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ribeiro Braga, Mogaji-metá.

COMUNICAÇÃO SOCIAL E HQS: : marvel um paralelo entre a arte e a sociedade / Mogaji-metá Ribeiro Braga. - 2025.
60 f.

Orientador(a): Francisco Gonçalves da Conceição.

Curso de Comunicacao Social - Rádio e Tv, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão. São Luís - Ma, 2025.

1. Marvel. 2. Hqs. 3. Minorias. 4. Sociedade. 5. Diversidade. I. Gonçalves da Conceição, Francisco. II. Título.

Dedico este trabalho a todos os leitores das HQs da Marvel Comics que, assim como eu, se sentem representados e inspirados por suas histórias e personagens.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, à minha mãe, Maria Raimunda, que me apoia e ajuda sempre e foi de importantíssima assistência para este trabalho. Agradeço também ao meu orientador, Professor Doutor Francisco Gonçalves da Conceição, que esteve presente em muitas etapas do desenvolvimento do meu trabalho, me auxiliando em tudo que precisei. Agradeço ainda aos meus amigos do curso de Comunicação Social, com os quais formo o grupo Todos os Cigarros do Mundo. Estendo meus agradecimentos ao meu grupo CHAT X-MEN e seus integrantes, que há duas décadas compartilham e debatem suas opiniões sobre histórias em quadrinhos. E por fim, aos meus amigos do grupo Brigada48, que estão comigo nos momentos importantes da minha vida, me acolhendo e me apoiando.

“Ninguém precisa ser negro para entender que o apartheid é errado. Pessoas de todas as religiões ficaram justificadamente horrorizadas com os crimes perpetrados contra os judeus no holocausto.

Da mesma forma, ninguém precisa ser vítima de AIDS para se solidarizar com as centenas de milhares de pessoas acometidas pela doença e se compadecer das que morreram.

Acredito que quando chegar um tempo em que cada pessoa se restringir a "ajudar só os seus", não haverá mais esperança para nenhum de nós.”

(UNCANNY X-MEN 299, 1993 p14)

RESUMO

A Marvel busca há anos mostrar através de suas histórias como os seus personagens podem, mesmo com seu lado fantasioso, se aproximar muito do mundo real e de sua sociedade. Acompanhando os diversos períodos históricos e sociais pelos quais passamos, além de uma visão própria como consumidor, este trabalho visa mostrar como essa mídia de massa representa as minorias raciais, étnicas, femininas e de gênero através dos elementos que fazem parte do seu universo fictício.

Palavras-chave: Marvel; Diversidade; Representatividade; Sociedade; Mídia; HQs; Artistas; Personagens; Minorias; Negros; Etnia; LGBTQIAPN+; Mulheres.

ABSTRACT

Marvel has sought for years to show through its stories how its characters can, even with their fantasy side, get very close to the real world and their society. Accompanying the different historical and social periods that we go through, in addition to my own vision as a consumer, this work aims to show how this mass media represents racial, ethnic, female and gender minorities through the elements that are part of its fictional universe.

Key-words: Marvel; Diversity; Representativeness; Society; Media; HQs; Artist; Characters; Minorities; Black; Ethnicity; LGBTQIAPN+; Women

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - tira “The yellow kid’s new phonograph clock”. New York Journal (14 de fevereiro de 1897).	14
Figura 2 - Logos das fases da Marvel: Timely (1939 – 1951), Atlas (1951 – 1961) e Marvel (1961 – presente)	16
Figura 3 - capas das revistas Giant-Size X-men #1 (01 de abril de 1975) e New X-men #138 sem textos (19 de março de 2003). Montagem..	21
Figura 4 - (esquerda) – revista Young Allies Comics #1, página 40 (10 de julho de 1941) e (direita) – revista Captain America: Forever Allies #1, página 12 (04 de agosto de 2010). Montagem	22
Figura 5 - capa da revista Black Panther #5 sem textos (04 de outubro de 2023). Recorte.....	24
Figura 6 - capa alternativa da revista Captain America: Symbol of Truth #1 sem textos (11 de maio de 2022). Recorte.....	25
Figura 7 - capas das revistas Storm #1 (21 de dezembro de 1995) e Captain Marvel #1 (11 de julho de 1989). Montagem	28
Figura 8 - capas das revistas Fantastic Four #1 (08 de agosto de 1961) e Invisible Woman #1 (10 de julho de 2019). Montagem ..	30
Figura 9 - capas das revistas The cat #1 (22 de agosto de 1972), Shanna, The She-devel #1 (29 de agosto de 1972) e Night Nurse #1 (15 de agosto de 1972). Montagem	32
Figura 10 - Chris Claremont (imagem da internet) e capa alternativa da revista Phoenix #2 (21 de agosto de 2024). Montagem	33
Figura 11 - grupo de fãs, Carol Corps. Imagem da internet	34
Figura 12 - capas das revistas Captain Marvel #2 (15 de agosto de 2012), Spider-Woman #5 (04 de março de 2015) e She-Hulk #29 (29 de maio de 2008). Montagem	35
Figura 13 - capa da revista Astonishing X-men #51 (20 de junho de 2012)	37
Figura 14 - revista Marvel’s Voices: Pride #1, página 67 (23 de junho de 2021). Recorte.....	38
Figura 15 - capa da revista Ultimates #2 (9 de dezembro de 2015). Recorte	40
Figura 16 - logo Marvel’s Voices. Imagem da internet.....	41
Figura 17 - capas das revistas Marvel’s Voices #1 9 (9 de fevereiro de 2020); Marvel’s Voices: Indigenous Voices #1 (18 de novembro de 2020); Marvel’s Voices: Legacy #1 (24 de fevereiro de 2021); Marvel’s Voices: Pride #1 (23 de junho de 2021); Marvel’s Voices: Identity #1 (25 de agosto de 2021); Marvel’s Voices: Comunidades #1 (08 de dezembro de 2021); Marvel’s Voices: Heritage #1 (12 de janeiro de 2022); Marvel’s Voices: Legacy vol2 #1 (16 de fevereiro de 2022); Marvel’s Voices: Identity vol2 #1 (18 de maio de 2022); Marvel’s Voices: Pride vol2 #1 (22 de junho de 2022); Marvel’s Voices: Comunidades vol2 #1 (28 de setembro de 2022); Marvel’s Voices: Wakanda Forever #1 (15 de fevereiro de 2023); Marvel’s Voices: Spider-Verse #1 (12 de abril de 2023); Marvel’s Voices: X-men #1 (16 de agosto de 2023) e Storm: Lifedream (29 de janeiro de 2025). Montagem.	49

Figura 18 - capas das revistas Women of Marvel vol2 #1 (21 de abril de 2021); Women of Marvel vol3 #1 (09 de março de 2022); Women of Marvel vol4 #1 (22 de março de 2023); Women of Marvel vol5 #1 (28 de fevereiro de 2024) e Women of Marvel: She-Devils #1 (26 de fevereiro de 2025). Montagem	52
Figura 19 - pôsteres das séries Demolidor (2015), Jessica Jones (2015) e Luke Cage (2016). Montagem.	55
Figura 20 - arte promocional da revista Marvel's Voices – The Avengers (2023).....	56

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	A EVOLUÇÃO DA DIVERSIDADE E DA REPRESENTATIVIDADE	19
2.1	OS X-MEN E SUA VERSATILIDADE REPRESENTATIVA	19
2.2	A QUESTÃO RACIAL	21
2.3	O PODER FEMININO NOS QUADRINHOS E NA MARVEL	28
2.4	QUEBRANDO OS ARMÁRIOS DA MARVEL	35
3.	A ATUAL DIVERSIDADE DA MARVEL	41
4.	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

“Eu só quero que vocês saibam que a Marvel sempre foi e sempre será um reflexo do mundo que vemos da nossa janela. Esse mundo pode evoluir, mas uma coisa que nunca irá mudar é o jeito que contamos nossas histórias de heroísmo.

Essas histórias tem espaço para todos, independente da sua raça, seu gênero, sua religião ou da cor da sua pele. As únicas coisas que não tem espaço aqui são o ódio e a intolerância.

Esse homem do seu lado, ele é seu irmão. Aquela mulher ali, ela é sua irmã. E aquela criança passando... Quem sabe? Ela pode ter poderes proporcionais ao de uma aranha.

Somos todos parte de uma grande família: a família humana. E todos nos unimos na Marvel. E você, você é parte dessa família. Você é parte do Universo Marvel, que busca sempre melhorar e alcançar a glória maior.

Em outras palavras, Excelsior¹!” (Stan Lee, 2017)

Histórias em quadrinhos (também chamadas de HQs ou Banda Desenhada) é uma forma de arte que, de forma narrativa, junta imagens e textos que estabelecem histórias dos mais variados tipos e gêneros. Pode ser publicada em diversos formatos, como tirinhas em jornais e livros; ou em revistas, sendo lançadas semanalmente, mensalmente ou em intervalos de alguns meses entre suas publicações. Apesar de geralmente serem publicadas em formato impresso, atualmente uma outra forma de publicação se tornou bem popular graças a evolução da internet: as webcomics, lançadas diretamente de forma digital.

Sua origem vem desde os tempos pré-históricos, onde os homens das cavernas desenhavam figuras que contavam suas próprias histórias de vida, como por exemplo, suas caçadas e suas descobertas. A partir desse período, diversas manifestações de artes narrativas surgiram pelo mundo. Um exemplo claro do que viria a ajudar a formar os quadrinhos modernos são as pinturas egípcias que eram gravadas nas paredes e nos interiores dos templos, as quais mostravam as rotinas dos faraós e de suas cortes em diversas atividades como caças, festas, colheitas e

¹ Expressão que Stan Lee usava para encerrar suas colunas em HQs. Significa “Sempre para cima” em latim.

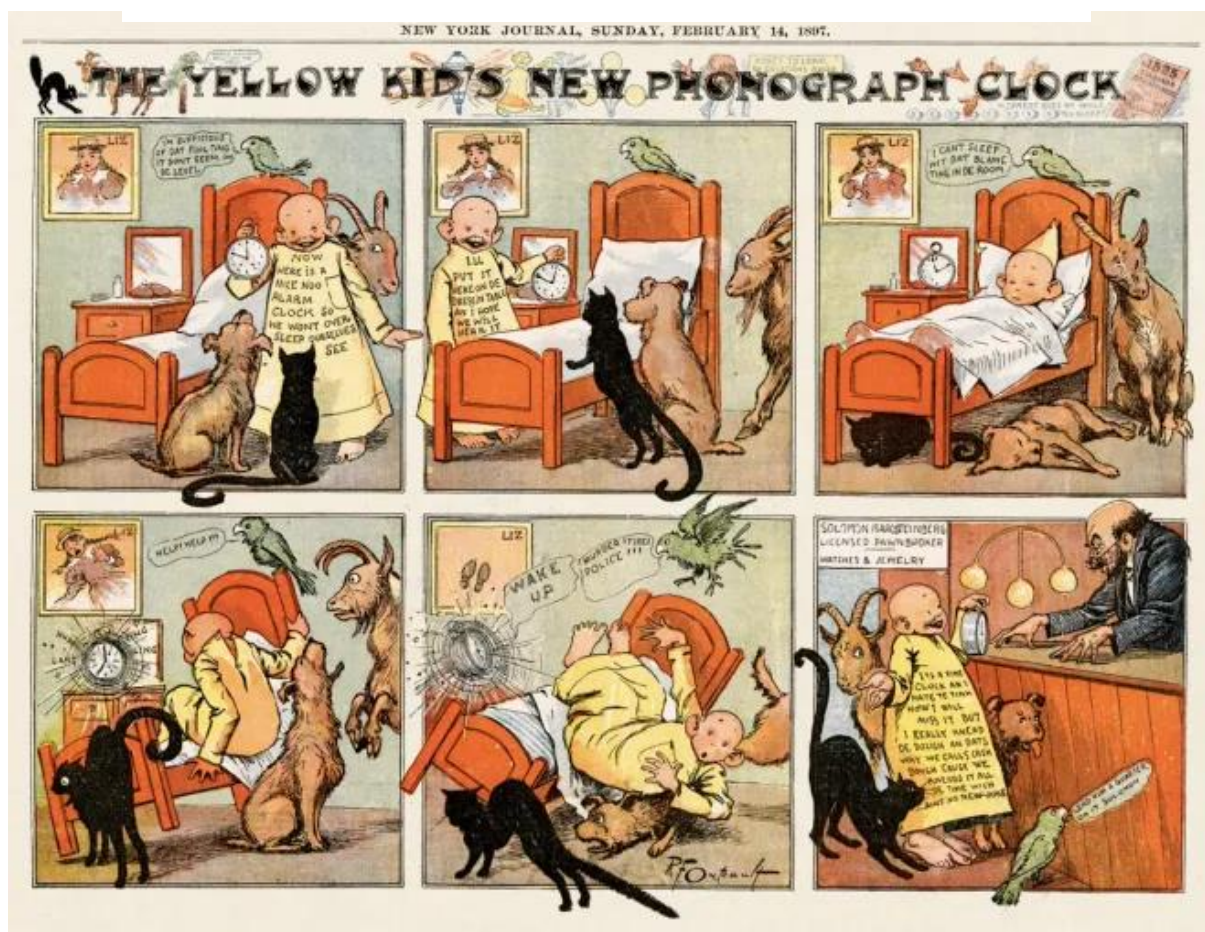
rituais de oferendas para os seus deuses. Imagens pintadas e modeladas também podiam ser encontradas em seus túmulos.

Na Europa, os frisos gregos, a Coluna de Trajano de Roma, tapeçarias medievais (com destaque para a famosíssima Tapeçaria de Bayeux), ilustrações pintadas em igrejas e manuscritos cristãos (que retratavam acontecimentos bíblicos), são signos que também exemplificam a fase pré-moderna dos quadrinhos.

Mais adiante, após o surgimento e aperfeiçoamento das técnicas de impressão (entre os séculos XV e XVIII), artistas de países europeus começaram a produzir materiais que combinavam imagens e textos. Primeiramente com temas voltados para a religião, essas ilustrações passam a exibir de maneira satirizada e caricata temas de cunho político e social que narravam a vida e cotidiano da população.

Com o desenvolvimento de jornais e revistas impressas, são introduzidas as conhecidas tirinhas. Primeiramente eram compostas por figuras caricatas com legendas em painéis únicos, que ilustravam geralmente situações cômicas; mas logo evoluíram para tirinhas que eram divididas entre quadros que eram lidos da esquerda para direita.

A primeira publicação com ilustrações produzida em massa e considerada a primeira história em quadrinhos foi *The Glasgow Looking Glass*, do britânico William Heath (1795 – 1840), com publicações entre 1825 e 1826. Já a forma moderna que é conhecida hoje, com diálogos em balões de textos, personagens fixos e ações fragmentadas em quadros, apareceram em jornais de Nova York através de uma tirinha chamada *The Yellow Kid* (O garoto amarelo, em tradução), criada por Richard F. Outcalt (1863 – 1928), em 1896. Considerado o pai do quadrinho moderno, Outcalt já havia trabalhado como artista de painéis únicos que eram publicados nos jornais e revistas americanas entre 1894 e 1895 (tendo o personagem Yellow Kid feito algumas aparições nesses quadros). O sucesso dessa tirinha foi tanto, que vários dos maiores jornais a disputaram intensamente.



Com o passar das décadas, várias editoras que trabalhavam com HQs surgiram e estabeleceram como principal forma de gênero, as histórias de super-heróis, atingindo principalmente o público infantil e adolescente, e tornando as histórias em quadrinhos uma das principais mídias impressas de massa. Entre as maiores editoras desse gênero, se encontra a famosa Marvel Comics (1939); cujo o nome em português significa “maravilha” ou até mesmo o ato de estar maravilhado. Detentora de mais de aproximadamente cinco mil personagens (entres os mais conhecidos estão o Homem-Aranha [1962], Hulk [1962], Capitão América [1940], X-Men [1963], Vingadores [1963], Demolidor [1964] e Thor [1962]), a Marvel é considerada por muitos a maior editora de quadrinhos de todas.

Foi fundada por Martin Goodman (1908 – 1992) durante a década de 30 com o nome de Timely Comics. Martin era um editor de revistas que trabalhavam com histórias de faroeste, mas decidiu expandir seu trabalho criando a editora, onde ele exercia vários cargos. A primeira publicação aconteceu no ano de 1939, com o lançamento da revista Marvel Comics (em tradução, “Quadrinhos Maravilhosos”), que trazia histórias com os personagens Namor (1939) e Tocha Humana (1939). O sucesso fez com que a editora lançasse, um ano depois, uma nova revista chamada Marvel Mystery Comics (“Maravilhosos Quadrinhos Misteriosos”, em tradução.

Na década seguinte, os editores Jack Kirby (1917 – 1994) e Joe Simon (1913 – 2011) se juntaram a Timely Comics e criaram, em 1941, um de seus personagens mais famosos, o Capitão América. Valendo-se do patriotismo (que é um elemento cultural de extrema importância nos EUA) e da guerra que acontecia no mundo, o personagem logo fez um grande sucesso, porém, após o período pós-guerra, o gênero de super-heróis sofreu uma queda drástica (não só na Timely, mas em várias outras editoras) e, numa maneira de se manter, a Timely passou a investir em outros gêneros, sem obter muito sucesso. Durante a década de 1950, ainda em crise, a editora mudou seu nome para Atlas e tentou trazer de volta o gênero, porém sem muito sucesso.

Apenas no final dos anos 50 e começo dos 60, com a editora DC Comics obtendo sucesso no mercado dos super-heróis, a Atlas (que em meados de 1959 passou a ser chamada de Marvel Comics), conseguiu se reerguer. Ainda durante essa década, os editores Jack Kirby e Stan Lee (1922 – 2018) criaram o Quarteto Fantástico (1961), a primeira super equipe da editora. Com o enorme sucesso alcançado, outros heróis foram criados, entre eles o mais famoso da editora, o Homem-Aranha (1962).

Nas décadas seguintes, a Marvel passou por algumas crises editoriais e foi vendida algumas vezes (com destaque em 2009 quando foi comprada pela Walt Disney Company), mas conseguiu se estabelecer como a principal editora de quadrinhos, seguida pela DC Comics, sua maior rival. A editora também expandiu seu império em outras mídias como cinema, TV e jogos.

A Marvel se tornou muito conhecida por desenvolver histórias mais realistas, assim se destacando entre as editoras de quadrinhos de super-heróis e criando um paralelo entre o real e o fantasioso. De forma mais humanizada, até hoje ela trabalha com diversos temas voltados à vida pessoal e social dos personagens e também relacionando suas obras a acontecimentos históricos e problemas sociais encontrados no mundo real. Atualmente, o mundo passa por um momento onde questões como raça, gênero, sexualidade, religião e preconceito vem ganhando bastante visibilidade e a Marvel vem então trabalhando esses temas de maneira mais ampla em suas histórias, introduzindo conceitos e personagens diversificados e relacionados a esses temas.



Partindo do principal foco dessa pesquisa, que são as HQs da Marvel, venho considerar a hipótese de que as histórias e os personagens nelas envolvidos refletem muito na sociedade real. Sendo assim, minha inquietação recai em como os personagens da editora Marvel são refletidos em alguns grupos da sociedade real? A partir dessa pergunta e do grande aumento do público consumidor dos produtos Marvel (HQs, Filmes, TV, Jogos e outros campos), a pesquisa em foco problematiza a construção do universo das HQs, a sua relação paralela com o mundo real e a reação do público com o conteúdo apresentado. As histórias da Marvel possuem um público amplo, no quais se encontram várias minorias sociais que passaram a ser representadas nas publicações.

Como leitor de longa data, acho interessante analisar as motivações e construções das histórias e personagens apresentados, explorando o desenvolvimento dos mesmos e mostrando a maneira como se ligam com a realidade do mundo, de maneira social e histórica, e como isso resultou numa grande aceitação de leitores que passaram a se sentir representados nelas. A Marvel em especial mostra isso com mais clareza através dos vários núcleos explorados nos seus títulos.

Em minha longa vivência como consumidor e amante desse tipo de arte, pude acompanhar o surgimento de personagens com os quais consegui me identificar e criar conexões que em muito me inspiraram. Durante a infância, o sonho de fazer parte daquele universo de alguma forma, despertou em mim a apreciação pela arte do desenho, da escrita e da produção de ideias que representassem a minha própria visão do mundo (inclusive, sonhando por anos em trabalhar como artista da própria editora). Pude também ter o prazer de conhecer, conviver e criar laços com pessoas que, assim como eu, enxergavam muito mais do que um universo fictício de personagens inexistentes, mas sim uma representação alternativa do nosso próprio

mundo, o que nos levou a criar grupos de debates e experiências pessoais em redes sociais ao longo dos últimos vinte anos.

Os projetos Marvel's Voices e Women of Marvel vem se destacando como o principal meio da editora apresentar e explorar esses temas mais diversos, dando ao público a oportunidade de conhecer e se reconhecer dentro do amplo universo de personagens apresentados por ela. Por se tratar de histórias que possuem uma cronologia contínua e atualizada, acredito que a mostrar é um ótimo exemplo de relacionar mídia e sociedade nesse processo.

Esse trabalho está estruturado em duas partes. A primeira explora a criação e desenvolvimento de personagens que se relacionam a temas como diversidade, versatilidade e representatividade de minorias. Primeiramente os X-men como maior grupo representante daquilo que remete ao diferente, aos indivíduos que são oprimidos e odiados por terem características que os colocam à margem daquilo que é considerado normal. Em seguida abordo a evolução dos personagens negros na editora, desde a maneira totalmente ofensiva como eram representados nos seus primeiros anos até a forma como ganharam maior destaque e protagonismo, juntamente com a constante luta dos diversos grupos ativistas que se firmavam em diferentes países.

Evidencio também o papel da mulher enquanto personagens empoderadas e fortes nas histórias, apontando a insistência em coloca-las como figura frágil e dependente, lhes roubando o direito de serem protagonistas das suas próprias lutas durante muitos anos. E por fim, retrato a longa luta dos personagens que representam a comunidade LGBTQIAPN+, que por muito tempo foram censurados e colocados em um lugar de sigilo e cerceamento, tendo as suas relações e desejos ocultos.

Em continuidade, na segunda parte desta pesquisa, discorro sobre a mais atual tentativa da Marvel de trabalhar a diversidade em suas obras através dos já citados projetos Marvel's Voices e Women of Marvel, que vem lançando há vários anos diversas histórias focadas exclusivamente em personagens representativos através da combinação de várias ideias de artistas que fazem parte desses mesmos grupos diversos, dando espaço para suas próprias visões sobre o mundo e sobre como esses personagens se encaixam nele.

Esse trabalho descritivo trata-se de um trabalho inicial resultado de anos de pesquisas e vivências próprias dentro do âmbito artístico onde o universo das histórias em quadrinhos da Marvel se encontra. A partir da exploração da história acerca dos

personagens e temas apresentados pela editora e de sua relação com o público consumidor e além, visa explorar, destacar e explicar como a Marvel vem, há anos, trabalhando com temas voltados à diversidade, representatividade e minorias sociais, assim contribuindo para reflexões acerca desses temas, corroborando para a desconstrução desse olhar de desajuste social. Considerando o caráter desta pesquisa, convém ressaltar que a mesma não conclui-se aqui ficando a pretensão de continuidade futura.

2. A EVOLUÇÃO DA DIVERSIDADE E DA REPRESENTATIVIDADE

2.1 - Os X-men e sua versatilidade representativa

Desde que se estabeleceu como Marvel, a editora era reconhecida por ter histórias mais realistas que suas concorrentes, aproximando a vida cotidiana de seus personagens às vidas reais dos seus leitores. Partindo da ideia de que a humanidade tende a não aceitar e discriminar tudo aquilo que é diferente e fora dos padrões da sociedade, assim indo contra a ideia de convivência e respeito entre todos os âmbitos de vida social, a dupla Stan Lee e Jack Kirby criou, em 1963, os X-men.

Os X-men eram mutantes: humanos que por alguma alteração evolutiva, nasciam com um gene extra em seu código genético que lhes davam super poderes. Servindo como referência para a discussão sobre o "diferente", o fato desses seres nascerem com poderes (e muitos com aparências físicas diferentes dos humanos "normais") acabava por causar medo nas outras pessoas, e por consequência, os mutantes eram perseguidos e atacados pelos humanos. Apesar da intolerância vinda por parte dos humanos, alguns mutantes acreditavam na ideia de possível convivência entre mutantes e humanos, assim surgia a equipe de adolescentes mutantes conhecida como X-men, que eram liderados pelo também mutante, Professor Charles Xavier.

Os X-men defendiam os humanos da ameaça dos mutantes que tentavam subjuga-los através de seus poderes e também ajudavam outros mutantes a se refugiarem e controlarem seus poderes, através da Escola para Jovens Super Dotados do Professor Xavier. Um detalhe muito importante a ser citado, é que o personagem Charles Xavier era um cadeirante (uma das características mais conhecidas do personagem), o que fazia referência às pessoas com deficiência física, que muitas vezes se sentem excluídos na sociedade.

Em maio de 1975, o roteirista Len Wein (1948 – 2017) e o desenhista Dave Cockrum (1943 – 2006) introduziram um segundo elenco de personagens nas revistas dos X-men. A revista Giant-Size X-men nº 01 apresentava um time composto por personagens de diversas etnias e países, entre eles: Quênia, Japão, Alemanha, Rússia, Irlanda e Canadá. Isso fez surgir uma diversificação nos quadrinhos, cujos elencos eram compostos em sua grande maioria por personagens brancos e americanos. Antes da edição ser lançada, os X-men passavam por um período difícil

na editora, onde estavam há cerca de cinco anos sem publicações de histórias inéditas. Porém, isso mudou com a introdução do novo elenco e da nova abordagem apresentada no título, que logo em seguida ficou sob o comando do roteirista Chris Claremont (1950) e alcançou um enorme sucesso entre o público. Tudo isso fez os X-men se estabelecerem como o time de maior versatilidade e representatividade de minorias dentro de um núcleo de quadrinhos, pois ao longo dos anos, seu elenco de personagens aumentou e trouxe as mais variadas representações de etnias e nacionalidades, além de trabalhar diversos temas relacionados a questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Pensem comigo, pessoal. É hora da filosofia! A natureza humana não muda. É o ambiente. O fato é que o mundo está mudando muito, produzindo novas regras cada vez que você pisca. Nenhum de nós é diferente. Todos queremos as mesmas coisas da vida. Segurança, diversão, romance, amizade e o respeito de todos.

Isso serve para indianos, chineses, russos, judeus, árabes, católicos, protestantes, pretos, marrons, brancos e Hulks de pele verde. Vamos parar de desperdiçar tempo odiando os outros caras. Olhe no espelho, senhor. O outro cara é você.

Excelsior. Stan. (Stan Lee, 1980)

É interessante também notar que, algumas vezes, os mutantes tiveram “eras” (nos quadrinhos, é chamado de “era” um determinado período de histórias com características específicas) onde foram inseridos em tentativas de construir e viverem em “nações mutante”, como as eras “Utopia” (2009 - 2011) e a mais recente, Krakoa (2019 - 2024). Essas eras trouxeram uma visão utópica desse grandioso grupo de pessoas marginalizadas pela sociedade tentando viver entre os seus, longe de todo o preconceito, ódio e violência dos quais são constantes vítimas. Particularmente, vejo como um paralelo às tentativas históricas de minorias que preferiram se isolar para se proteger e viver em paz, como os quilombos existentes ao longo da história do povo negro.



2.2 – A questão racial

A questão racial e de direitos humanos sempre foi um grande problema nos EUA. Por isso, desde os primórdios dos quadrinhos, a maioria dos protagonistas eram representados pelo padrão heroico americano: homens bonitos, fortes, corajosos e brancos. Já o número de personagens negros era quase que inexistente. Além de poucos, tinham apenas papéis de mínimo destaque ou coadjuvantes e eram representados de maneira totalmente estereotipada e ofensiva (versões deturpadas de povos africanos, com olhos enormes, lábios grossos e diversas outras características físicas caricatas, sendo supersticiosos, burros e cheios de erros gramaticais). Tal representação aconteceu com diversos personagens criados até o começo da década de 50.

O primeiro personagem negro de destaque da Marvel, "Whitewash" (ironicamente, em tradução livre para o português, significa "alvejante"), foi criado em 1941 por Stan Lee e fazia parte de uma equipe de adolescentes chamada "Young Allies" (que tinham suas histórias publicadas na revista de mesmo nome). Mas diferente de seus companheiros de equipe, ele era o único que não possuía poderes e era retratado como um garoto estúpido, medroso, atrapalhado, que cometia diversos

erros gramaticais, além de sempre ter que ser salvo por seus companheiros, ou seja, mais uma vez os cidadãos negros sofriam com representatividade.

A revista foi publicada apenas durante a década de 40 (época em que a editora ainda se chamava Timely Comics), porém, em 2009, a Marvel decidiu corrigir a injustiça feita contra o personagem. A explicação dada foi que Whitewash, era na verdade um personagem de quadrinhos baseado no "verdadeiro" personagem, que se chamava "Washington Jones", sendo esse o verdadeiro membro da equipe mirim "Young Allies".

Figura 4 - O personagem Whitewash em sua versão original dos anos 40 (à esquerda) e sua versão revisada de 2010, Washington Jones (à direita).



Esse tipo de versão estereotipada que apresentavam os negros nas comics (não só na Marvel, mas também em outras editoras), incomodava os representantes do movimento negro. Entre eles, estava o jornalista Orrin Cromwell Evans (1902 – 1971), que fazia parte da famosa organização NAACP (em português, Associação Nacional pelo Progresso das Pessoas de Cor, formada em 12 de fevereiro de 1909) e ficou conhecido como "patriarca" dos jornalistas negros, por se destacar como um dos primeiros jornalistas afrodescendentes a obter visibilidade na imprensa americana.

Acreditando que heróis negros poderiam ser de extrema importância positiva para crianças negras, ele entrou em contato com amigos cartunistas e editores, e assim, em junho de 1947, lançaram o primeiro comic book étnico dos EUA. Batizado de All Negro Comics, trazia diversas histórias curtas e materiais informativos

distribuídos em 48 páginas. Porém, devido a problemas com distribuidoras de papel, a revista durou apenas uma única edição.

A Marvel (na época, ainda chamada Atlas) lançou em 1954, a revista *Jungle Tales*, que trazia seu primeiro herói negro: Waku, Príncipe de Bantu. O personagem era retratado como um príncipe herdeiro de um reino de etnia Bantu (termo que engloba vários povos étnicos da África Central), que foi obrigado por seu pai, já prestes a falecer, a fazer um juramento de "não-violência". Com o passar do tempo, após seu rival ao trono, Mabú, se aliar a caçadores brancos e escravizar seu povo, Waku é obrigado a quebrar seu juramento. Assim, o espírito de seu pai surge e desobriga o juramento, tornando Waku o verdadeiro rei de Bantu.

Apesar de tudo, o personagem teve poucas publicações e não conseguiu atingir o sucesso dos personagens brancos, assim a tentativa da editora foi frustrada. Após essa época, em 1961, a editora mudou seu nome para Marvel, e o conceito de super-heróis já havia voltado a fazer sucesso.

Durante o final dos anos 60 e começo dos anos 70, a Marvel queria atrair leitores de minorias sociais às suas publicações, entre raças, gêneros e outros. Outra razão para que a editora buscasse tal público era o fato de suas vendas (e das outras editoras também) estarem passando por um período de queda. Por isso a Marvel optou por procurar tendências fora dos quadrinhos das quais poderiam capitalizar.

Desse modo, em julho de 1966, Stan Lee e Jack Kirby criam o primeiro super-herói negro dos quadrinhos, o Pantera Negra, que foi apresentado na revista *Fantastic Four* nº 52. Vale lembrar que o conceito de super-herói tem como base três princípios: um uniforme, uma identidade secreta e poderes ou habilidades sobre-humanas. Sendo assim, todos os outros heróis negros antes publicados não eram "super-heróis".



Sob a identidade secreta de T'Challa, rei africano de um reino fictício chamado Wakanda, a trama trazia a história do personagem, ainda adolescente (e ainda um príncipe), que teve seu reino invadido por um grupo de mercenários liderados pelo vilão Garra Sônica (1966), que resultou no assassinato de seu pai. Após o ocorrido, passou anos estudando na América e Europa, se tornando um cientista e um dos homens mais inteligentes do planeta. Retornando ao seu reino, passa por um ritual local, torna-se o novo rei de Wakanda e ingere uma erva que lhe expande força, velocidade, agilidade, resistência e sentidos, passando a se tornar também o Pantera Negra, campeão e protetor de Wakanda (manto que antes era de seu falecido pai). Com os recursos obtidos através da comercialização do fictício metal Vibranium, transformou seu reino em uma grande nação tecnológica.

Curiosamente no mesmo ano, surgiram os Panteras Negras, grupo radical político criado em Oakland, na Califórnia, por Huey Newton (1942 – 1989) e Bobby Seale (1936). O grupo tinha como objetivo lutar pelos direitos dos negros nos Estados Unidos. Apesar do mesmo nome, seu criador, Stan Lee, deixou claro que não existia relação entre o grupo e o personagem, chegando a mudar o nome do personagem para “Pantera”, por alguns anos, para evitar confusões.

Fugindo dos estereótipos antes apresentados nos personagens negros dos quadrinhos, sendo rico, bonito, inteligente, bem sucedido e rei de um país rico

monetariamente e culturalmente, o Pantera Negra foi um grande salto de representatividade para a população negra e graças a isso, vários outros personagens negros foram surgindo no mundo das comics, não apenas na forma de super-heróis, mas também como figuras em cenas cotidianas nas ruas, como policiais, repórteres e pessoas comuns. O impacto também ficou claro entre os leitores. A seção de cartas da revista do Quarteto Fantástico recebeu cartas de leitores elogiando a introdução do personagem, como a de um leitor afro americano do Bronx, em Nova York, na edição nº 59 da revista Fantastic Four (fevereiro de 1967). Na carta ele expressou toda sua felicidade com um personagem negro, mas questiona a razão por ele ser africano e não um americano livre de estereótipos.

Ele é um personagem interessante. Eu não imaginava o Pantera Negra morando em uma ruela de Nova York. Adorei a ideia de ser um super-herói que mora na África. Mesmo que ele seja um líder de uma tribo, ele é muito mais do que isso. (Stan Lee, 2018)

Entre outros personagens negros com destaque na Marvel temos o Falcão, criado em setembro de 1969, que atuou durante muito tempo ao lado do Capitão América (um dos principais personagens da editora), e anos mais tarde assumiu o manto do personagem, como parte da tentativa da Marvel de colocar personagens de minorias em posições de destaque em suas histórias.

Figura 6 - O personagem Falcão assumiu o manto do Capitão América em 2014. Seu antecessor era um homem branco e loiro.



Surgido em junho de 1972 e criado em uma parceria de Archie Goodwin (1937 – 1998), John Romita (1930 – 2023) e George Tuska (1916 – 2009), foi apresentado

Luke Cage, o primeiro personagem negro dos quadrinhos a ter sua própria revista ("Luke Cage, Hero for Hire" ou "Luke Cage, Herói de Aluguel", em tradução), outro marco importante na editora. Ele apareceu no ápice da cultura Blaxploitation (um subgênero de cinema, onde basicamente, os protagonistas são negros retratados em cenários urbanos, contendo muita ação e malandragem).

As histórias do personagem faziam muitas referências à comunidade e cultura negra. Era situada no Harlem (conhecido por ser um grande centro cultural e comercial afro-americano) e seus coadjuvantes, sejam aliados ou vilões também refletiam a vida dura da periferia. Um grande exemplo disso é a personagem Misty Knight (1974), uma policial com senso de justiça singular e caracterizada por seu estilo de cabelo Black Power.

Outro ponto interessante a ser destacado é a maneira como o personagem ganhou seus poderes. Devido a uma sabotagem de um racista, foi submetido como cobaia de um experimento que quase o matou, dando-lhe super força e deixando sua pele impenetrável. Isso fazia referência ao fato de que, naquela época, vacinas eram testadas primeiro em negros, para somente depois ser testada em brancos. Atualmente, além da vida de vigilante do crime, o personagem é também prefeito da cidade de Nova York, mostrando que personagens negros podem, além de protagonizar histórias, assumir também importantes e altas posições políticas dentro do mundo dos quadrinhos. Cage foi também o primeiro personagem negro da editora a protagonizar uma série feita em parceria com a plataforma de streaming Netflix, em 2016.

Vamos deixar isso claro. A intolerância e o racismo estão entre os males sociais mais mortais que assolam o mundo hoje. Mas, ao contrário de uma equipe de supervilões fantasiados, eles não podem ser interrompidos com um soco no focinho ou um disparo de uma arma de raios. A única maneira de destruí-los é expô-los – revelá-los como os males insidiosos que realmente são. O fanático é um odiador irracional – aquele que odeia cegamente, fanaticamente, indiscriminadamente. Se seu problema são os homens negros, ele odeia TODOS os homens negros. Se uma ruiva o ofendeu uma vez, ele odeia TODAS as ruivas. Se algum estrangeiro conseguir um emprego antes dele, ele está atrás de TODOS os estrangeiros. Ele odeia pessoas que nunca viu – pessoas que nunca conheceu – com igual intensidade – com igual veneno.

Agora, não estamos tentando dizer que é irracional para um ser humano incomodar outro. Mas, embora qualquer pessoa tenha o direito de não gostar de outro indivíduo, é totalmente irracional, patentemente insano condenar uma raça inteira – desprezar uma nação inteira – difamar uma religião inteira. Mais cedo ou mais tarde, devemos aprender a julgar uns aos outros por nossos próprios méritos. Mais cedo ou mais tarde, para que o homem seja digno de seu destino, devemos preencher o coração com tolerância. Pois

então, e somente então, seremos verdadeiramente dignos do conceito de que o homem foi criado à imagem de Deus – um Deus que nos chama a TODOS – Seus filhos.

Pax et Justitia, Stan. (Stan Lee, 1968)

Entre as personagens femininas negras, a com maior destaque é com toda certeza a mutante e integrante dos X-men, Ororo Munroe, a Tempestade. Apresentada em 1975 (junto com a já citada famosa segunda formação dos X-men), ela foi a primeira super-heroína negra dos quadrinhos. Apesar de nascida americana, viveu a maior parte de sua infância e começo da vida adulta no Quênia, aonde era adorada como uma deusa, devido aos seus poderes mutantes de controlar o clima, que usava para o bem do povo queniano. Foi também a primeira a liderar uma equipe de super-heróis (Os X-men) e é tida como uma das personagens mais famosas e impactantes das HQs, além de uma das maiores representantes não só dos negros, mas também das mulheres nesse campo.

Outra personagem, também mulher e negra, que se destaca na Marvel, é Monica Rambeau (1982), a antiga Capitã Marvel, que hoje usa o codinome Fóton. Se destacou por ser a primeira personagem feminina negra a ter um título próprio em uma grande editora. Seus cabelos cacheados (por vezes trançados) também a diferenciavam das outras personagens negras dos quadrinhos.

Atualmente, o número de personagens negros da Marvel cresceu bastante, e a maneira como são destacados se tornou bem mais expressiva com o passar dos anos. Novos personagens foram introduzidos e os já existentes ganharam mais espaço e reconhecimento, com muitos ganhando títulos solos e papéis maiores nas principais histórias.



2.3 - O PODER FEMININO NOS QUADRINHOS E NA MARVEL

O papel da mulher na sociedade sempre foi marcado por muitas lutas para obter reconhecimento e igualdade entre gêneros. As mulheres sempre batalharam para reivindicar seu espaço na sociedade, procurando conquistar direitos iguais e acabar com a enorme desigualdade que existia entre homens e mulheres.

Tal situação também se refletia nos quadrinhos. A mulher sempre teve papel nas HQs, porém, esse papel sempre se resumia à mesmice de serem as belas namoradas ou interesse romântico dos heróis, que em algum momento se tornavam vítimas indefesas dos vilões, precisando sempre serem salvas. Essa posição submissa era o retrato de uma sociedade machista que sempre mostrava o domínio masculino sob a mulher e durou muito tempo no mundo dos quadrinhos.

Em 1941 surgiu a primeira super-heroína com grande destaque nos quadrinhos, a Mulher-Maravilha (da DC Comics). Criada pelo psicólogo William Moulton Marston (1893 – 1947), ela surgiu em meio ao período da Segunda Guerra Mundial e do crescimento do movimento feminista nos EUA, por isso sua criação foi equivocadamente ligada a isso. Porém, a heroína não surgiu como forma de

propaganda de guerra, mas sim como uma forma de representar as mulheres através de uma figura forte. Com o passar do tempo, se tornou um dos maiores símbolos feministas do mundo, tornando-se até mesmo Embaixadora Honorária da ONU para o empoderamento feminino por um curto período, em 2016.

No final da década de 60, a cidade de São Francisco havia se tornado um importante cenário na cena underground dos quadrinhos. Mas assim como nas grandes editoras, a cena era dominada por homens que criavam produtos cheios de machismo e objetificação da mulher, o que dificultava o espaço de artistas femininas no mercado, pois mesmo havendo uma ou outra envolvida, elas praticamente não desenhavam, escreviam ou tinham reconhecimento por parte dos homens, além de muitas vezes serem menosprezadas e colocadas em funções com menos destaque na época, como coloristas, por exemplo.

Foi então que a artista Trina Robbins (1938 – 2024), que já havia trabalhado com o renomado ilustrador Frank Frazetta (1928 – 2010), criando o visual da icônica personagem Vampirella (1969), além de ser a primeira mulher a desenhar uma história da Mulher-Maravilha, cansou de se sentir pequena e desajustada em um cenário dominado por homens. Assim, em 1970, ela partiu para São Francisco e buscou por outras artistas mulheres para desenvolver um projeto sem o envolvimento de homens. Juntando-se com Barbara “Willy” Mendes (1948) e algumas outras artistas, ela criou o primeiro quadrinho produzido somente por mulheres: *It Ain’t Me, Babe*. O quadrinho único fez bastante sucesso, consagrando Robbins como a “madrinha dos quadrinhos undergrounds”. Sobre o sucesso da revista, Robbins certa vez falou: “As mulheres estavam provando que elas também se interessavam por quadrinhos, mesmo que as grandes editoras estivessem cegas para isso” (Robbins, 2017).

Poucos anos depois, em 1972, a artista participou de outra obra antológica feminista, a *Wimmen’s comix*, que durou 17 edições publicadas até 1992. Na ocasião, publicou a história “Sandy comes out”, que apresentou pela primeira vez uma personagem assumidamente lésbica. Essas publicações foram mais tarde de importante influência para publicações de HQs voltadas para o público queer.

Com a mudança do status dos quadrinhos undergrounds (que haviam começado a se aliar a editoras maiores) e falta de espaço para as artistas femininas e suas obras, Robbins decidiu deixar a indústria dos quadrinhos e tornou-se pesquisadora histórica, atuando em outro campo pelo direito das mulheres.

A primeira super-heroína da Marvel (com a editora reformulada e renomeada como Marvel, pois quando ainda era Timely e Atlas, haviam outras heroínas em suas publicações, como Namora e Venus, em 1947 e 1948, respectivamente) foi a Mulher-Invisível. Criada por Stan Lee e Jack Kirby e apresentada em novembro de 1961, na revista *Fantastic Four* nº1, Susan Storm era membro do Quarteto Fantástico e em seu início, apesar de possuir poderes e ser da equipe principal, era a mais fraca e tinha um papel bem menor que dos seus companheiros (todos homens). Susan era o que chamavam de "heroína doméstica", pois eventualmente era sequestrada e seus companheiros tinham que ir em seu resgate. Ou seja, apesar de ter super poderes, a personagem ainda seguia o modelo da mocinha a ser resgatada. Ela permaneceu assim durante anos, mas com o tempo, tornou-se muito mais ativa e importante nas histórias (chegando a ser a integrante mais poderosa da equipe) e hoje é reconhecida como uma das principais personagens femininas dos quadrinhos, representando a imagem da mulher mãe de família, independente e poderosa.

Figura 8 - A Mulher Invisível, do Quarteto Fantástico. Apesar de ser um membro da equipe, em seus primeiros anos era apresentada como a mais fraca da equipe (esquerda). Com o passar do tempo, tornou-se a mais poderosa do quarteto de heróis e de extrema importância (direita).



No final da década de 60, o movimento feminista renasceu, reivindicando direitos, igualdade de trabalho e questionando temas como discriminação sexual e segregação da mulher. Como resultado, as mulheres tomaram uma posição política forte, de maneira que nunca tinham sido antes. Durante esse tempo, um certo número de mulheres começou a se manifestar publicamente contra o modelo de "heroína doméstica".

As leitoras passavam a enviar mais cartas para a Marvel (sendo cerca de 15% das cartas recebidas escritas por mulheres), questionando o modelo que suas personagens seguiam. Assim, buscando atingir um público mais diversificado, a Marvel lançou três revistas escritas e protagonizadas por mulheres. Shanna, The She-Devil (no Brasil, Shanna, a Mulher Demônio), que contava as histórias da veterinária Shanna O'hara, que vivia na África lutando contra caçadores de animais. The Cat (A Gata, no Brasil), narrava as histórias de Greer Grant, sob a identidade heroica da Gata, uma mulher que teve seus atributos físicos aumentados por um aparelho. E por último, Night Nurse (Enfermeira Noturna, no Brasil), que narrava a vida de algumas enfermeiras.

Embora a ideia parecesse boa, os roteiros não eram muito fortes e as revistas não venderam o esperado, por isso, foram canceladas após algumas edições. Porém, suas personagens continuaram aparecendo nas histórias da editora, mas em papéis menores. Nos anos seguintes, as super-heroínas começariam a ter mais destaque e atingir mais o público. Em 1975, com o lançamento da segunda formação dos X-men, suas personagens femininas começariam a atingir um novo nível de representatividade e destaque. O roteirista Chris Claremont (um dos mais famosos roteiristas das revistas dos X-men, responsável pela criação e desenvolvimento de vários personagens e uma referência até os dias de hoje) conseguiu desenvolver características que tornavam as personagens femininas da equipe bem mais que simples mocinhas com poderes.



Na época, a equipe contava com duas mulheres, que eram as duas mais poderosas do time: a já mencionada Tempestade, que se tornou um ícone de poder feminino e representatividade, e Jean Grey (1963), inicialmente conhecida como Garota Marvel. Jean foi a primeira personagem feminina da revista e fazia parte dela desde o início. Dotada de capacidades telepáticas e telecinéticas, é até hoje conhecida como o "coração dos X-men". Dona de uma personalidade confiável, corajosa e leal ao sonho de seu mentor, Charles Xavier, de um dia alcançar uma convivência pacífica entre mutantes e humanos, a personagem passou por grandes mudanças e tornou-se a "pessoa mais poderosa do universo" ao alcançar espantosos níveis de poder, passando a ser conhecida como a "Fênix" (antes disso, ela passava por uma situação bem parecida com a da Mulher Invisível em suas primeiras histórias). A personagem se tornou uma grande referência de cultura pop e feminina, sendo uma das personagens mais amadas pelo público e protagonista de uma das sagas mais famosas da editora, a Saga da Fênix Negra. Curiosamente, quando a Fênix foi introduzida, os planos de Claremont e Cockrum eram que a personagem enfrentasse outros personagens poderosos da editora, como Thor (1950/1962) e Surfista Prateado (1965), numa tentativa de demonstrar o quanto ela era poderosa. Porém, em um claro ato de machismo, o então novo editor-chefe da Marvel, Jim Shooter (1951), não aprovou a ideia, alegando que nenhuma mulher poderia derrotar Thor ou o Surfista. Como respostas, eles fizeram a Fênix derrotar o Senhor do Fogo (1974), personagem que era descrito como tão poderoso quanto Thor, porém, menos famoso.

Quando apresentamos a Fênix pela primeira vez, queríamos que ela lutasse contra Thor ou o Surfista Prateado, mas (o novo editor-chefe) Jim Shooter não permitiu. Ele disse que nenhuma mulher vai vencer Thor ou o Surfista

Prateado. Nós meio que o contornamos, enviando-a contra o Senhor do Fogo, que uma vez lutou contra Thor até o impasse. Nós estabelecemos seus níveis de poder dessa forma. (Dave Cockrum, 2006).

Figura 10 - Chris Claremont, um dos principais roteiristas por trás do sucesso dos X-men (esquerda) e Jean Grey, a Fênix, a mutante mais poderosa da Marvel (direita).



Outra forma de atingir e representar o público feminino tomado pela Marvel foi a criação de versões femininas de seus principais heróis (estratégia também usada pela concorrente, DC Comics). Entre elas, podemos citar a Carol Danvers, que surgiu em 1968 como uma criação de Roy Thomas (1940) e Gene Colan (1926 - 2011), mas alguns anos depois se tornou a Miss Marvel, versão feminina do Capitão Marvel. Desde sua origem, Carol representava a realidade das mulheres que se esforçavam para integrar o mercado de trabalho. Através de seu próprio esforço, conseguiu um posto de coronel na Força Aérea Americana. A personagem foi se moldando como um dos maiores exemplos do movimento feminista na Marvel, sempre lutando por igualdade e espaço. Ao mudar seu codinome para Capitã Marvel, ela também foi uma das heroínas pioneiras no abandono definitivo de uniformes extremamente sexualizados. Sua influência atual é tanta, que existe nos EUA, um grupo de leitores e leitoras chamado "Carol Corps", que tem a personagem como um exemplo de "porta-voz" e frequentam eventos com cosplays (o ato de se fantasiar de personagens fictícios) da personagem. Além disso, em 2019 a personagem também estrelou um filme solo nos cinemas e se tornou um dos destaques cinematográficos da editora.



Ainda no mesmo ano, foi criada a Mulher-Aranha (versão feminina do Homem-Aranha, o personagem mais famoso da editora). Tinha seus poderes originados de um soro aracnídeo que seu pai usou para salva-la de um envenenamento causado por uma exposição de urânio. Longe de sua vida secreta, trabalhava como secretária. Já em 1980, é apresentada a Mulher-Hulk (She-Hulk, no original), uma advogada chamada Jennifer Walters, que acaba baleada por criminosos envolvidos em um caso no qual trabalhava. Para salvar sua vida, seu primo Bruce Banner, o Hulk, faz uma transfusão de sangue. O sangue do cientista contendo células com radiação gama, acaba dando a Jennifer a mesma capacidade de se transformar em um ser verde, grande e forte, porém diferente de Bruce, Jennifer mantém sua consciência.

As três estrelaram títulos que duraram muito mais que as tentativas anteriores com protagonistas femininas, ganhando destaque até fora deles (mesmo usando nomes e uniformes inspirados em personagens masculinos). Além de tudo, elas eram ótimas representações de mulheres independentes, solteiras e fortes, e todas possuíam carreiras respeitadas em profissões liberais estáveis dentro da sociedade.



A partir daí muitas personagens de destaque e representativas surgiram, levando as mulheres a um nível bem alto no mundo dos quadrinhos. Com destaque para Elektra, que foi lançada em 1981 e fugia do papel de namorada dependente, assumindo um papel de igualdade (ou até mesmo superioridade) com seu par romântico, o Demolidor. Kitty Pryde (1981), mutante judia com enorme senso de moral, conhecida como "a melhor X-man", devido a sua personalidade. Mais recentemente, temos Kamala Khan (2013), jovem inumana de origem paquistanesa, mulçumana e que assumiu o manto de Miss Marvel, considerada uma personagem "gente como a gente" pelos leitores adolescentes. Temos também a recente America Chavez, a Miss America (2011), uma jovem negra, latina e lésbica. Representando diversas minorias, se destacou muito nos últimos anos por ter uma personalidade forte e um grande senso de ética. O criador da personagem Elektra, Frank Miller (1957), durante entrevista, falou sobre o processo de criação da personagem:

Achei que era uma ideia meio boba... a de que os super-heróis sempre tinham namoradas normais. Por quê? Por que tem de haver uma Lois Lane para o Super Homem? Por que ele não podia ficar com a Mulher Maravilha? Ela está à altura dele. Por que não podiam ser eficientes na vida amorosa como eram em combate? São pessoas que derrubam edifícios com suas paixões. É o que fazem nas suas lutas. O Demolidor precisava de uma namorada do nível dele, da sua paixão e da sua forma física. (MILLER, 2005)

2.4 - QUEBRANDO OS ARMÁRIOS DA MARVEL

Apesar da Marvel ter focado na apresentação de diversos personagens representando minorias ao longo das décadas de 60 a 80, alguns grupos sociais acabaram por ficar de fora. Um dos maiores exemplos disso foi a comunidade

LGBTQIAPN+. Durante as décadas em que a Marvel trabalhou essa onda de representatividade, a comunidade LGBTQIAPN+ era bastante discriminada e perseguida, e tal fato pode ter contribuído para a demora em lançar personagens e histórias que abordassem esse tema.

Antes de entrar a fundo no envolvimento da Marvel com personagens e temas ligados à comunidade LGBTQIAPN+, é necessário entender como a comunidade começou a ganhar espaço no mundo dos quadrinhos.

Durante o já mencionado “boom” dos quadrinhos independentes dos anos 70 em São Francisco, inspirados pelo sucesso dos quadrinhos feministas (com alguns tendo personagens lésbicas), vários artistas queers começaram a investir em seus projetos. Como resultado, em 1980, foi lançada a série de histórias antológicas Gay Comix. Idealizada pelo editor Denis Kitchen (1946) em parceria com o cartunista alternativo Howard Cruse (1944 – 2019), a antologia trazia várias histórias produzidas por artistas homens e mulheres gays, voltadas para o público gay. Essas histórias apresentavam tramas sobre relacionamentos e experiências (muitas baseadas nas vivências dos artistas envolvidos) que mostravam a humanidade e normalidade das vidas das pessoas queer, que eram fortemente marginalizadas pela sociedade. A revista foi publicada até 1998, totalizando 25 edições.

A revista pornô/erótica Meatmen: An Anthology of Gay Male Comics, publicada pela editora Leyland Publications (1984) entre 1986 e 2004, foi um outro marco na história da comunidade LGTQIAPN+ nos quadrinhos, que com suas 26 edições, também pavimentou o mercado.

A essa altura, a Marvel já havia começado a desenvolver, mesmo que de maneira velada, sua contribuição para a comunidade em suas páginas. O roteirista e desenhista John Byrne (1950) confessou que sua ideia para o personagem Estrela Polar (1979) era que ele fosse um mutante abertamente gay, porém durante os anos 50 foi instituído o Comic Code Authority (CCA), um código de auto-regulamentação que regia as publicações de quadrinhos no país. E esse código vetava a abordagem de assuntos envolvendo o meio LGBTQIAPN+ (assim como a nudez e o sexo), alegando que seria algo prejudicial às crianças que compravam as revistas. O editor-chefe, Jim Shooter (o mesmo que havia sido machista em relação a Fênix), também barrou Byrne, recusando a ideia do Estrela Polar ser apresentado abertamente como um homem gay. Com esses impedimentos e o medo da aceitação dos leitores e da sociedade, Byrne optou por vetar a ideia inicial que tinha para o personagem.

Eu não queria que o personagem homossexual fosse uma das garotas, já que isso era algo que as pessoas tendiam a associar (acertada ou equivocadamente) com os títulos do (Chris) Claremont. Mac Hudson e Heather eram casados e felizes, e eu não queria estragar isso. Michael tinha sido apresentado como tendo uma filha, e assim eu considerava que seria muito clichê se ele fosse revelado como sendo gay. Além disso, como nativo-canadense, ele já era a minoria “residente”. O cara novo, Pigmeu, tinha seu próprio conjunto de questões. Sasquatch seria simplesmente muito assustador! Então fiquei com o JeanPaul e, naquele momento, percebi que sempre estive lá. Em algum lugar, no fundo da minha mente, eu devo ter considerado fazê-lo gay antes mesmo de ter “decidido. (John Byrne, 2004)

Apenas em 1992 (em Alpha Flight #106) o personagem declarou abertamente a sua sexualidade (além de herói e mutante, ele também é um artista, esquiador profissional e autor famoso). Tal declaração só ocorreu após a última atualização do código (que viria a ser extinguido em 2011). Estrela Polar se tornou um grande representante da comunidade queer desde então, sendo o primeiro personagem de destaque abertamente gay e também o primeiro super-herói da Marvel a protagonizar um casamento gay, em junho de 2012. Ocorrido na revista Astonishing X-men #51 (e publicada no Brasil em X-men Extra 136.1), esse acontecimento foi um grande marco no mundo dos quadrinhos, quebrando tabus e obtendo grande repercussão mundialmente entre a sociedade (de leitores a não leitores).

Figura 13 - Capa de Astonishing X-men nº 51 (junho de 2012), onde é mostrado o primeiro casamento gay da Marvel.



Um outro exemplo bem conhecido é o relacionamento entre as personagens Mística (1976/1978) e Sina (1980). Hoje, é de conhecimento público que elas são mulheres bissexuais que mantêm um relacionamento de décadas (ambas são idosas), mas anteriormente apenas deixavam o fato implícito, sendo confirmado apenas em 2001 (na revista X-treme X-men #1) e sendo mostrado de forma explícita em 2019 (Marvel Universe #2), ou seja, quase 40 anos depois da estreia das personagens. Claremont também expressou o desejo de desenvolver o romance desde que as personagens foram criadas, porém, foi impedido pelo editorial da Marvel (muito provavelmente por conta do CCA).

Os jovens Wiccano e Hulkling, que foram apresentados em 2005, na primeira edição da revista Young Avengers (Jovens Vingadores, em português) e logo se tornaram um casal, só tiveram seu primeiro beijo explícito em 2012, na revista Avengers: The Children's Crusade #9 (o qual o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, tentou sem sucesso, censurar em 2019).

Figura 14 -Imagem com vários personagens que representam a comunidade LGBTQIAPN+ (Marvel's Voices: Pride #1 – 2021).



Com esses três exemplos, podemos notar um detalhe muito curioso: apesar de todos esses personagens serem abertamente parte da comunidade, apenas (muitos)

anos depois de suas estreias tiveram o direito de ter suas relações e afetos explicitamente mostrados. Para se ter noção, o primeiro beijo gay da editora só aconteceu em 2001, na revista X-Force #118, e ainda assim, entre personagens com pouquíssima relevância nas histórias. O primeiro beijo entre personagens mais conhecidos veio acontecer só em 2009 (X-Factor vol.3 #45), quando os mutantes Rictor (1987) e Shatterstar (1991) assumiram um relacionamento (a relação entre eles já era especulada pelos leitores desde os anos 90). Podemos notar que só no começo dos anos 2000, os personagens LGBTQIAPN+ da editora começaram a realmente ganhar força e ter esse lado mais explorado e destacado.

Segundo dados da Marvel, em meados de 2017, a editora possuía cerca de 149 personagens representantes de sexualidades destoantes da heterossexualidade (número que aumentou bastante desde então).

Entre outros representantes da comunidade em destaque, podemos citar a já mencionada America Chavez (que também ganhou um título solo, onde tem como tema a liberdade feminina, o que inclui sua sexualidade); o famoso e cômico Deadpool (1990), que é um personagem pansexual e o caso mais polêmico: o mutante e membro fundador dos X-Men Homem de Gelo (1963), que se assumiu gay. Tal acontecimento teve uma recepção dividida entre os leitores, pois enquanto muitos comemoraram o fato de um personagem tão antigo e famoso passasse a ser mais um representante da comunidade queer, outros acharam a decisão uma grande descaracterização do personagem (que por anos foi o típico “hetero, pegador e machão”). O personagem ganhou sua revista solo no ano de 2017, com sua sexualidade como uma das principais pautas exploradas no título. O roteirista da revista, Sina Grace, comentou sobre a revista e sobre a sexualidade do personagem:

Acredito que a tensão (dessa revelação) é o que faz deste o projeto mais interessante de se trabalhar. Por que significa que ele tem mantido um segredo não só de seus amigos e aliados, mas também de si mesmo. O que ele faz com essa informação a partir de agora vai definir não apenas sua vida pessoal, mas também como ele se vê, como super-herói. Essa parte de sua identidade vai afetar as pessoas ao redor dele, incluindo algumas de suas ex-namoradas. (GRACE, 2017)



A atual fase da Marvel vem mostrando que os personagens LGBTQIAPN+ podem assumir papéis de maior destaque dentro do universo, com sua sexualidade cada vez mais evidente e sem medo de serem quem são, em suas mais variadas identidades. E isso vai além dos personagens heroicos, tendo também personagens “civis” entre seus membros e nas mais diversas posições sociais, culturais e econômicas. É importante também notar que essa evolução na diversidade sexual está totalmente ligada às mudanças socioculturais que a comunidade LGBTQIAP+ vem alcançando nos últimos anos no mundo real, através de suas lutas, que visam diminuir a mentalidade conservadora, violenta e preconceituosa da nossa sociedade.

3. A ATUAL DIVERSIDADE DA MARVEL

Figura 16 - Logo do podcast Marvel's Voices, que foi o ponta pé inicial do selo antológico



No ano de 2020, a Marvel lançou o projeto “Marvel’s Voices” (Vozes da Marvel, no Brasil), cujo objetivo é lançar edições especiais, em formato de antologias, com histórias dedicadas a temas e personagens ligados a diversidade. A ideia do selo surgiu anos antes, em 2018, no formato de um podcast com elementos em vídeo comandado pela jornalista Angélique Roché, que tinha como propósito destacar criadores de diversas etnias em todo o Universo Marvel. Seu primeiro episódio foi postado nas plataformas digitais em 05 de abril de 2018. Durante os dois anos que antecederam as histórias publicadas, Roché entrevistou em seu programa dezenas de escritores, desenhistas e fãs da Marvel, colocando o podcast em evidência. Sobre a criação do podcast, Roché disse:

A ideia original para o que se tornaria as Vozes da Marvel começou como uma ideia de minhas colegas Sana Amanat e Judy Stephens como uma forma de destacar pessoas de cor dentro do Universo Marvel no podcast “Mulheres da Marvel”, um programa que agora orgulhosamente coapresento. O conceito começou como um pequeno segmento que uma vez por mês se aprofundava com um criativo de cor para falar sobre seu trabalho, sua jornada e seu amor pela Marvel. A ideia original também se concentrava fortemente em quaisquer projetos importantes em que os convidados estivessem trabalhando. (ROCHÉ, 2020)

Com a popularidade crescente do programa, o projeto evoluiu para algo muito maior, ganhando várias temporadas (com aproximadamente 50 episódios atualmente), segmentos e painéis ao vivo em eventos, clipes especiais e por fim, um selo antológico de histórias especiais que dão espaço para artistas diversos

trabalharem com personagens diversos. O selo busca representar não só artistas e personagens diversos, mas também celebrar seus trabalhos, processos criativos, colaborações, jornadas pessoais e o poder de representação que vem com eles. Ainda sobre o desenvolvimento do projeto, Roché comentou:

Embora, em retrospecto, o nome do programa tenha surgido com relativa facilidade, as imagens e a descrição de Marvel's Voices foram desenvolvidas lenta e intencionalmente ao longo do tempo. Por exemplo, se você olhar nosso logotipo, verá os logotipos oficiais da Marvel de vários personagens de cor representados, incluindo: Monica Rambeau (Espectro), Sam Wilson (Falcão), Daisy Johnson (Tremor), Amadeus Cho (Hulk), America Chavez, Pantera Negra e até Lunella Lafayette (Garota da Lua). Essas pequenas coisas foram e continuam a ser tratadas como componentes essenciais da narrativa geral. (ROCHÉ, 2020)

A primeira revista, intitulada apenas como Marvel's Voices, foi lançada em 19 de fevereiro de 2020 e traz várias histórias curtas (algumas até mesmo com apenas uma página) protagonizadas por personagens que representam vários grupos de minorias sociais (pessoas de diversas etnias, pessoas não americanas, pessoas não brancas, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+). Todas as histórias são assinadas por artistas que pessoalmente representam os grupos apresentados nas histórias, como o ator, cantor e escritor negro James Monroe Iglehart (nascido em 1974 e vencedor do Tony Awards pelo musical da Broadway Aladdin, em 2014) e o capista, desenhista e escritor argentino (e homossexual) Luciano Vecchio (1982), que é conhecido por já ter trabalhado para Marvel em títulos como X-men e Homem-Aranha.

Após sua primeira publicação, o selo lançou mais edições, cada uma focada em algum grupo específico. Marvel's Voices: Indigenous Voices (Vozes da Marvel: Vozes Indígenas, no Brasil), lançada em 18 de novembro de 2020 (coincidindo com o Mês da Herança Nativa Americana), apresenta histórias que celebram os povos nativo-americanos, como os Cheyennes (representados por personagens como Forge [1984], Miragem [1982] e Eco [1999]) e os Apache (representados por Pássaro Trovejante [1975] e seu irmão Apache [1984]), assim como as nações indígenas oriundas do Canadá, como os Sarcee (representados pelos heróis Shaman [1979], sua filha, Talismã [1983] e Pássaro da Neve [1979]). Nomes como Jeffrey Veregge (renomado artista e escritor nativo americano da tribo S'Klallam, nascido em 1974 e falecido em abril de 2024), Rebecca Roanhorse ([1971] escritora de origem afro-americana e Pueblo, vencedora de prêmios como John W. Campbell Memorial Award, Hugo e Nebula), Darcie Little Badger ([1987] escritora de origem Apache e vencedora

do Locus Award) e Kyle Charles (famoso artista vindo da Primeira Nação do Lago Whitefish) são alguns dos colaboradores dessa edição. Sob o novo título “Marvel’s Voices: Heritage” (Vozes da Marvel: Herança, em português), foi lançada uma nova antologia em 12 de janeiro de 2022, trazendo novamente artistas e personagens de origem indígenas como estrelas. Alguns artistas retornaram e novos colaboradores foram convidados, como a célebre escritora e cineasta Nyla Innuksuk e os desenhistas David Cutler e Jim Terry. Sobre o desenvolvimento da antologia, Jeffrey Veregge comentou:

CB [Cebulski] e eu começamos a conversar sobre vários projetos nativos há um ano, quando discutimos minha exposição de arte 'of God's & Heroes' da Marvel no Smithsonian. Estou realmente grato pela plataforma que a Marvel forneceu não apenas para mim e meu trabalho, mas para todos os nativos da América. Esta é uma oportunidade de compartilhar as influências culturais com as quais nós, como artistas e escritores nativos, crescemos e que irão adicionar mais profundidade e dimensão aos Heróis Nativos no Universo Marvel. (VEREGGE, 2020)

Já em 24 de fevereiro de 2021, comemorando o Mês da História Negra nos Estados Unidos, foi lançada Marvel’s Voices: Legacy #1 (Vozes da Marvel: Legado #1, no Brasil), dando destaque aos personagens negros da editora. Contando com sete histórias que trazem personagens icônicos como Tempestade, Pantera Negra, Monica Rambeau, Máquina de Combate (1978), Blade (1973), Miles Morales ([2011] o Homem-Aranha Ultimate) e Shuri (2005), a edição é assinada por nomes renomados e estreantes na Marvel. Danny Lore (artista queer que se destacou escrevendo histórias do Pantera Negra e dos Campeões [2016]), Nnedi Okorafor ([1974] escritora de origem nigeriana, vencedora de prêmios como Eisner, Nebula e Hugo) e o estreante Ho Che Anderson ([1969] inglês, filho de pai jamaicano e mãe guianense) são alguns dos destaques. Também se destaca a coleção de capas variantes feitas por ilustradores negros de vários países, como a brasileira Ernanda Souza; a espanhola Natacha Bustos (1981); o francês Olivier Coipel (1973); a nigeriana-canadense Ejiwa "Edge" Ebenebe e o canadense Ken Lashley. Um segundo volume de Legacy foi publicado em 16 de fevereiro de 2022, apresentando mais uma antologia assinada por nomes como Victor LaValle ([1972] vencedor do prêmio Locus e vários Shirley Jackson), Cody Ziglar (conhecido por ter trabalhado em quadrinhos do Homem-Aranha e da Mulher-Hulk) e a já mencionada Natacha Bustos. Em 31 de janeiro de 2024, tivemos a (até então) última edição lançada exclusivamente para celebrar o Mês da História Negra, agora rebatizada como Marvel’s Voice: Legends (ou

Vozes da Marvel: Lendas, em tradução brasileira). Na edição, foram apresentadas quatro histórias protagonizadas pelos personagens Patriota (2005), Misty Knight, Deathlok (1990) e uma versão futura do Pantera Negra. O vencedor de vários prêmios Eisner, David F. Walker; a escritora best-seller Justina Ireland; o roteirista de TV Ezra Clayton Daniels (1979) e a escritora e redatora Sheree Renée Thomas são os responsáveis pelo roteiro, enquanto Karen S. Darboe; Sean Damien Hill; Julian Shaw e o brasileiro Eder Messias ficam a cargo da arte. Sobre trabalhar nesse projeto, a brasileira Ernanda Souza comenta:

Em primeiro lugar, devo dizer que trabalhar para a Marvel é um grande sonho que se tornou realidade. Cresci assistindo a filmes e programas de TV da Marvel - especialmente a série animada dos X-Men nos anos 90 - e jogando todos os jogos da franquia Arcade. E para ser sincera, nunca pensei que faria um trabalho com eles, mas fico feliz em dizer que sim. Como artista afro / latina, é uma grande honra para mim começar na empresa e trabalhar em alguns dos personagens que gosto e que representam a comunidade negra. A representação com respeito é sempre uma coisa boa, nunca é demais. Eu sei que só posso falar por mim, mas espero ter feito justiça a eles. (SOUZA, 2024)

Atualmente a quantidade de personagens que representam as pessoas LGBTQIAPN+ na Marvel cresceu muito, por isso, em 23 de junho de 2021, o próximo passo do projeto Marvel's Voices foi uma antologia focada nesse grupo. Marvel's Voice: Pride #1 (Vozes da Marvel: Orgulho, no Brasil) contou com uma antologia de 88 páginas, divididas em doze histórias que apresentavam personagens como Estrela Polar, Wiccano, Hulkling, Homem de Gelo, Karolina Dean (2003), Nico Minoru (2003), Karma (1980), Célere (2006), Daken (2006), Anole (2003), o novato Somnus (2021) e muitos outros. A data de lançamento coincide com o Mês Internacional do Orgulho LGBTQ+, buscando celebrar não só a data, mas também os artistas e fãs que fazem parte da comunidade, dando visibilidade a todos através de histórias sensíveis de relacionamentos, autoconhecimento, aceitação e orgulho. Ainda para promover a edição, a Marvel lançou uma coleção de capas alternativas desenhadas pelo premiado desenhista gay Phil Jimenez (1970), destacando alguns personagens famosos da comunidade.

No time de artistas que fizeram parte da antologia podemos citar nomes como Kieron Gillen ([1975] escritor britânico que se identifica como bissexual, vencedor dos prêmios British Comic Awards e British Fantasy Award, que escreveu Fabulosos X-men, Jovens Vingadores e histórias do selo Star Wars da Marvel); Vita Ayala ([1985] escritora trans e não-binária conhecida por trabalhos que refletem sua militância a

favor dos direitos LGBTQIAPN+, que escreveu títulos em diversas editoras, como Xena, A Princesa Guerreia, Novos Mutantes e Mulher Maravilha); Tini Howard ([1985] popular escritora americana bissexual, que trabalhou em títulos como Excalibur [2019] e Betsy Braddock: Capitã Britânia [2023]), Steven Orlando (escritor bissexual, que trabalhou em títulos como Feiticeira Escarlata [2023] e Batman [2015 – 2020], da editora DC) e Jan Bazaldua ([1967] artista mexicana transgênero, que além de trabalhar em títulos como Homem-Aranha [2017] e Capitã Marvel [2023], é cocriadora do personagem gay Aaron Fischer, o Capitão América “das Ferrovias [2021])). O argentino Luciano Vecchio, que escreveu e desenhou a história voltada ao público LGBTQIAPN+ da primeira edição de Marvel’s Voices e retornou em Pride, cocriando o personagem Somnus, ao lado de Steven Orlando, falou sobre a importância de uma edição 100% voltado à comunidade queer:

Fiquei pasmo quando soube que esse especial estava sendo montado. Algo que não há muito tempo parecia um sonho selvagem está finalmente acontecendo! Acho que este é um daqueles marcos históricos para a representação LGBTQ + na Marvel, um daqueles momentos que eleva a franquia e inicia uma mudança de paradigma duradouro, e estou grato por ter a sorte de ser convidado a contribuir para isso. E em uma nota mais pessoal, depois do meu conto no primeiro especial 'Vozes da Marvel' no ano passado, parece uma progressão orgânica na direção certa, e eu não consigo parar de sorrir sobre isso. (ORLANDO, 2021)

Em 22 de junho do ano seguinte, a Marvel lançou mais um volume de Marvel’s Voices: Pride para mais uma vez celebrar o Mês do Orgulho com histórias, personagens e artistas que representam a comunidade. Com o retorno de alguns artistas e a estreia de novos na antologia, a edição também estreia mais uma vez alguns novos personagens nas páginas do projeto. E como uma das novidades, é apresentada a personagem transexual Shela Sexton, a Escapade (2022). Criada pela escritora transexual Charlie Jane Anders ([1969] vencedora de prêmios como Hugo, Locus e Nebula) e pela dupla de desenhistas Ted Brandt e Ro Stein, a personagem foi uma grande adição ao elenco de personagens que fazem parte da comunidade queer da editora. Outros destaques são o produtor de TV e escritor Christopher Cantwell; o escritor vencedor do Eisner, Andrew Wheeler; a popular escritora queer, não-binária, descendente de asiáticos e vencedora dos prêmios Locus e Nebula, Alyssa Wong e o desenhista brasileiro Lucas Werneck (considerado por muitos como um dos melhores desenhistas da atualidade e principais representantes da comunidade no mercado dos quadrinhos).

A última edição focada exclusivamente na comunidade LGBTQIAPN+, foi lançada no dia 14 de junho de 2023 e trouxe mais oito histórias que exploram um olhar mais preciso e profundo da vida dos personagens que fazem parte da galeria queer da Marvel, sob o olhar de mais artistas que também se incluem nesse grupo. Como nos dois últimos volumes, a antologia nos apresenta mais uma nova personagem, Logan Lewis (2023), uma garota bissexual que assume o codinome Nightshade. Os escritores Steve Foxe (famoso pelo seu trabalho com HQs e livros infantis e por ter cocriado Tecelão, o primeiro Homem-Aranha gay [2022]); Sarah Gailey ([1990] artista de gênero não-binário, famosa por lançar diversos romances e arcos de histórias em quadrinhos, como Buffy, a caça-vampiro [2022 – 2023]) e os desenhistas Hector Barros (espanhol e gay, que cocriou a personagem Nightshade) e Roberta Ingranata (italiana e pansexual, conhecida por trabalhar em quadrinhos de séries de TV, como Buffy [2023], Doctor Who [2017] e Startrek [2021]) são alguns dos artistas que participaram do quadrinho.

A comunidade asiática também foi representada com bastante foco em Marvel's Voices. Lançada em 21 de agosto de 2021, Marvel's Voices: Identity (No Brasil, Vozes da Marvel: Identidade) tem como foco representar e celebrar o Mês do Patrimônio Pacífico-Asiático Americano, que é comemorado durante o mês de maio nos Estados Unidos. Trazendo novos e consagrados nomes do mercado, a nova antologia entrega histórias estreladas pelos mais diversos personagens de origens e culturas asiáticas da Marvel, incluindo personagens japoneses, sul-coreanos, chineses, filipinos e américo-asiáticos, como Shang-Chi (1973); Jubileu (1989); Teia de Seda (2014); Miss Marvel (2013); Amadeus Cho ([2005] o Hulk asiático); Jimmy Woo (1956); Onda (2019); Armadura (2004); Samurai de Prata (1974), entre outros.

As oito histórias apresentadas contam com a formula já estabelecida do projeto, com colaborações de artistas aclamados e artistas estreantes na editora, como o sino-americano e vencedor do Eisner, Gene Luen Yang ([1973] que já vinha trabalhando com o personagem Shang-Chi desde 2020); a sul-coreana nacionalizada americana, Christina Strain ([1981] que trabalhou em títulos como Fugitivos e Geração X) e a também famosa escritora coreana-americana, Maurene Goo (que mais uma vez assina a história da personagem também coreana-americana Teia de Seda). A arte conta com desenhistas estreantes, como o talentoso Creees Lee; a havaiana Lynne Yoshii e a paquistanesa Mashal Ahmed, assim como o já conhecido Marcus To (que assumiu por muito tempo a arte de Excalibur). Sobre o trabalho, Yang disse:

Estou emocionado por fazer parte do MARVEL'S VOICES: IDENTITY # 1. Os super-heróis asiáticos e asiático-americanos são uma parte vital do Universo Marvel. Criadores asiáticos e americano-asiáticos também. Este quadrinho prova isso (YANG, 2021)

A segunda antologia Identity, que traz histórias estreladas por personagens como Shang-Chi, Mantis (1973), Wong (1963), Miss Marvel e Jimmy Woo, foi lançada em 18 de maio de 2022 (diferente da primeira, essa edição foi lançada no próprio mês de comemoração ao Patrimônio Asiático-Pacífico-Americano). A obra apresenta quatro histórias um pouco mais longas que o padrão do selo (penso que para compensar o menor número de histórias) e que refletem bem a vivência dos personagens apresentados e o papel que eles representam.

A roteiro da vez fica por conta dos escritores Pornsak Pichetshote (filho de pais tailandeses e um dos mais importantes escritores do selo Vertigo, da DC); o roteirista de TV, Sabir Pirzada; Jeremy Holt (artista não-binário de origem coreana) e Emily Kim (que já havia trabalhado em histórias da personagem Teia de Seda e da equipe de super-heróis coreanos Divisão Tigre [2022]). Já a arte conta com os traços de Eric Koda; Kei Zama (artista não-binária do Japão), Rickie Yagawa e mais uma vez, Creees Lee.

Em 8 de dezembro de 2021 foi a vez do povo latino ter seu próprio título em Marvel's Voices: Community (no Brasil, Vozes da Marvel: Comunidade). A antologia da vez trás personagens de origem latina que ganharam destaque ao longo dos anos nas páginas do Universo Marvel, como America Chavez, Miles Morales, Tigresa Branca (2011), Tigre Branco (1975), Réptil (2009), Germán Aguilar (2020), Garota-Aranha (também conhecida como Araña [2004]), Risque (1995), Motorista Fantasma (2014) e também os personagens brasileiros Mancha Solar (1982) e Garota Tubarão (2012). A personagem Eva Quintero (2021), que havia estreado há poucos meses antes, também marca presença. A capa principal da edição também conta com a arte especial do clássico ex-editor chefe da Marvel, Joe Quesada (1962), que tem pais cubanos. Outros artistas de origem latina, como o renomado George Pérez (1954 – 2022) e o brasileiro Mateus Manhanini também desenharam as capas alternativas da edição.

Outros artistas latinos também tem seus nomes envolvido no projeto, como o autor best-seller Daniel José Older (1980) e Terry Blas ([1980] famoso por criar a aclamada série Réptil [2021]). Alguns artistas brasileiros como o colorista cearense

Dijjo Lima (1988), o escritor e desenhista Leonardo Romero e a desenhista Adriana Melo (1976) também tem seus nomes carimbados nos créditos da antologia latina. Sobre a HQ e sua importância para comunidade latina, a coeditora Lauren Amaro comentou:

O Marvel Voices é um projeto tão único que sinto que realmente se aprofunda no princípio fundamental da Marvel de refletir o mundo além de sua janela - então, quando surgiu a oportunidade de ajudar a reunir o Marvel Voices: Comunidades e celebrar a comunidade latinas, não me agüentei de emoção. E esse entusiasmo só continua a crescer à medida que as ideias de história continuam a rolar - acredite em mim, você não vai querer perder o que este talentoso grupo de criadores estão preparando! (AMARO, 2021)

Em 28 de setembro de 2022, o segundo volume de Community é lançado para celebrar o Mês da Herança Hispânica Latina (que é comemorado entre 15 de setembro e 15 de outubro) e traz mais uma vez histórias que destacam personagens e artistas de origem latina. A novidade da vez é a introdução da personagem Chimera (2022), criada pelo premiado escritor Alex Segura ([1980] filho de pais exilados de Cuba) e pelo desenhista e pintor Paco Medina (que já havia trabalhado com personagens como X-men [2005], Homem-Aranha [2022] e Quarteto Fantástico [2019]). O aclamadíssimo editor e escritor Fabian Nicieza (1961) e brasileiro Lucas Werneck se juntam ao time de criadores envolvidos.

Além dos vários títulos já mencionados, o projeto Marvel's Voices também lançou em 2023 algumas antologias focadas em franquias da Marvel que contam com o envolvimento de um grande número de personagens que fazem parte da diversidade proposta pelo selo. Marvel Voice's: Wakanda Forever (em tradução, Vozes da Marvel: Wakanda pra Sempre), traz uma edição focada nos personagens da fictícia nação africana de Wakanda, como Pantera Negra, Shuri, Okoye (1998) e Aneka (2009). Marvel's Voices: Spiderverse (no Brasil, Vozes da Marvel: Aranhaverso) apresenta histórias envolvendo os personagens de minorias interligados ao famoso Homem-Aranha, como Teia de Seda (asiática), Homem-Aranha Ultimate (latino), Tecelão (homossexual), entre outros. Marvel's Voices: X-men (Vozes da Marvel: X-men) é estrelada pelos personagens mutantes que são o maior exemplo de representação de diversidade e minorias da editora. Tempestade (negra), Jubileu (sino-americana), Psylocke ([1992] japonesa), Mancha Solar (brasileiro), Homem de Gelo, Mistica e Sina (LGBTQIAPN+). E por fim, Marvel's Voices: Avengers (Vozes da Marvel: Vingadores), que entre suas histórias apresenta uma estrelada pela personagem Monica Rambeau.

Em 29 de janeiro de 2025, para celebrar o Mês da História Negra, a mais recente obra da linha Marvel's Voices foi uma edição especial totalmente dedicada a personagem Tempestade e seus 50 anos. Intitulada *Storm: Lifedream* (Tempestade: Sonho de Vida, em tradução), a edição conta com roteiros de Angélique Roché, a criadora do projeto Marvel's Voices; Curtis Baxter; Brittney Morris, John Jennings (vencedor do prêmio Eisner) e arte de Karen S. Darboe.

Figura 17 - Capas das edições *Marvel's Voices* #1 (2020); *Marvel's Voices: Indigenous Voices* #1 (2020); *Marvel's Voices: Legacy* #1 (2021); *Marvel's Voices: Pride* #1 (2021); *Marvel's Voices: Identity* #1 (2021); *Marvel's Voices: Community* #1 (2021); *Marvel's Voices: Heritage* (2022); *Marvel's Voices: Legacy* (vol.2) #1 (2022); *Marvel's Voices: Identity* (2022); *Marvel's Voices: Pride* (vol.2) #1 (2022); *Marvel's Voices* (vol.2) #1 (2022); *Marvel's Voices: Wakanda Forever* #1 (2023); *Marvel's Voices: Spider-Verse* #1 (2023); *Marvel's Voices: X-men* #1 (2023) e *Storm: Lifedream* #1 (2025).



Seguindo um estilo semelhante ao selo Marvel's Voices, a editora lançou uma antologia para celebrar e enaltecer seus ícones femininos. Intitulada "Women of

Marvel” (Mulheres da Marvel, em português), assim como seu “irmão”, o projeto se originou a partir de um podcast que vem sendo apresentado desde 2014 por diversas figuras femininas envolvidas em projetos da Marvel, como a editora Sana Amanat (1982) e a produtora e artista Judy Stephens (1947). Recebendo diversas figuras femininas importantes do mercado dos quadrinhos (entre veteranas e novatas), o podcast debate o impacto das personagens femininas e também dos trabalhos das mulheres envolvidas na criação de materiais que fazem parte desse cenário. O sucesso do podcast, que conta com mais de 300 episódios, resultou em painéis em eventos, clipes, vídeos e revistas anuais especiais.

A primeira antologia foi lançada em 21 de abril de 2021, apresentando onze histórias produzidas apenas por mulheres. Com escritoras como a vencedora do prêmio Eisner, Mariko Tamaki (1975); Elsa Sjunneson e Nadia Shammas (1994); e artistas como a renomada vencedora do Eisner, Peach Momoko; Naomi Franquiz e Amanda Conner, o título apresenta personagens como Emma Frost (1979), Medusa (1964) e Mulher-Hulk em belas aventuras. A editora Sarah Brunstad falou sobre a primeira antologia e sua importância:

Sempre adorei o programa Mulheres da Marvel pela maneira como ele abriu as portas - dizia às mulheres em todos os lugares, 'esse fandom é para você'. Sempre existiram mulheres poderosas nos quadrinhos - e por trás delas, escrevendo, desenhando, editando e lendo - mas destacar essas personagens, criadoras e fãs parecia como alguém estendendo a mão. Portanto, é com grande gratidão que fiz a curadoria desta edição especial. As mulheres neste especial são criadoras poderosas de todo o lugar; é realmente uma celebração da Marvel Comics e uma carta de amor às mulheres que abriram o caminho. Essas histórias são ousadas, bombásticas e de grande coração no melhor estilo. Mal posso esperar que as pessoas os leiam e vislumbrem o que o futuro dos quadrinhos nos reserva. (BRUNSTAD, 2021)

A segunda edição saiu no dia 09 de março de 2022, um dia depois do Dia Internacional das Mulheres e traz mais um compilado de histórias produzidas por criadoras talentosas, como a vencedora do prêmio Hugo, Charlie Jane Anders; Jordie Bellaire (1988); Preeti Chhibber e a vencedora do prêmio Russ Manning, Zoe Thorogood (1998). Personagens como Gata Negra (1979); Jessica Jones (2001); Garota-Esqilo (1991) e Viúva Negra (1964) são algumas das protagonistas da vez.

No ano seguinte, em 22 de março, foi lançado mais um volume do selo, que trouxe America Chavez; Gaviã Arqueira (2005); Vespa (1963); Fóton e outras personagens estrelando cinco histórias criadas por fabulosas artistas como Angélique

Roché; as premiadas irmãs Gibbs, Shawnee Gibbs e Shawnelle Gibbs; Rebecca Roanhorse e a italiana Carola Borelli.

Já a edição de 2024 apresenta uma história escrita pela super influente Gail Simone (1974) e desenhada pela artista Lydia Rasero, que apresenta a Mulher Invisível como protagonista e conta com a participação de um elenco com mais de trinta heroínas, das mais clássicas (de quando a editora ainda se chamava Timely e Atlas) até as mais atuais. Para completar a edição, algumas histórias estreladas pela Feiticeira Escarlata (1964); Viúva Negra; a esquilo parceira da Garota-Esquilo, Tippy-Toe (2005) e pela Madame Teia (1984), produzidas por nomes como Leila Leiz; Erica Schultz (1977) e a best-seller Sarah Rees Brennan (1984).

O último anúncio da antologia, marcado para 26 de fevereiro de 2025, diferente dos anteriores, vem com um subtítulo: “Women of Marvel: She-Devils”. Segundo as informações reveladas, uma das histórias apresentadas será estrelada pelas personagens Shanna; Elektra; Eco; Viúva Negra; Wolverine e Brielle Brooks (2022) e contará com a assinatura de nomes como Stephanie Phillips (atual escritora da revista Fênix); Alison Sampson e a colorista brasileira Fabi Marques.



É importante lembrar que Marvel's Voices e Women of Marvel não são as primeiras tentativas de incluir a diversidade na editora. Como já citado, a Marvel sempre buscou representar a sociedade através de seus personagens e histórias. Por isso, no começo de 2015, a Marvel anunciou que começaria uma nova era em suas publicações. A chamada "All-New All-Different Marvel" (No Brasil, ficou conhecida como Totalmente Nova e Diferente Marvel) buscou apostar na diversidade e assim atingir as mudanças sociais que o mundo vinha passando na época, e conquistar um público maior e mais diversificado. Para tal meta, a editora resolveu substituir a identidade de alguns de seus personagens principais por novos rostos. Assim, o Capitão América, antes um homem branco e loiro, passou sua identidade heroica para um homem negro. O homem-Aranha, um homem americano branco, passa a ser um jovem negro e latino. O Incrível Hulk, um cientista americano, agora se tornava um

adolescente descendente de coreanos. A loira e ex-militar que carregava a identidade de Miss Marvel, passa o título para uma adolescente mulçumana. O Poderoso Thor e Wolverine (1974), tiveram suas alcunhas passadas para duas mulheres. Sobre os planos da editora, o roteirista Brian Bendis comentou ao jornal New York Daily News: “(O novo Homem-Aranha) não é um Homem-Aranha com uma observação. Agora, é o Homem-Aranha de verdade. É nossa mensagem para crianças e adultos negros e também para todos os outros leitores.” (BENDIS, 2015)

Outra característica dessa reformulação foi o aumento de revistas publicadas (entre 60 e 65 títulos, além de reiniciar a numeração dos já existentes), entre elas, muitas protagonizadas por mulheres, personagens negros, urbanos e LGBT. Apesar da tentativa, o impacto da era não se mostrou nem de perto tão bem sucedido quanto Marvel's Voices vem se mostrando e depois de um tempo, a All-New All Different Marvel foi encerrada.

4.CONCLUSÃO

O trabalho da Marvel com representatividade vem sendo algo forte há muitos anos, com diversas tentativas de trabalhar temas que atinjam o grande público, buscando fazer com que todos se sintam incluídos ao terem contato com suas obras, independente de cor, religião, gênero e idade. Os X-men, ainda nos anos 70, iniciaram uma trajetória que representa até hoje as pessoas que são perseguidas, discriminadas e marginalizadas por terem características fora do comum, englobando dentro de suas histórias várias culturas e etnias.

A evolução dos personagens que representam os povos negros, que inicialmente eram apresentados de maneira grotesca e preconceituosa, foi bastante simbólica. Em conjunto com os diversos movimentos que lutavam por mais respeito pelo seu povo, os personagens da editora evoluíram e se tornaram verdadeiros exemplos de força. Essa mesma luta por reconhecimento, respeito e espaço foi conquistada ao longo do tempo pelas mulheres, que saíram do papel mais fraco possível e de invisibilidade para um lugar de verdadeiro empoderamento feminino e sua garantia de lugar, voz e de construção sociopolítica cultural. E de maneira tão dura quanto os outros grupos, a comunidade LGBTQIAPN+ literalmente precisou “quebrar o armário” para sair da grande censura com a qual foram obrigados a passar, lutando para que suas vozes fossem finalmente ouvidas e seus sentimentos se manifestassem como os de qualquer outro ser livre para amar quem e como quiserem.

O impacto dessas iniciativas alcançou um ponto onde suas produções saltaram das páginas dos quadrinhos para outras plataformas de mídia, como cinema e TV. No começo dos anos 2000, a 20th Century Fox (um dos seis maiores estúdios de cinema dos EUA, subsidiária da Walt Disney Studios, que é uma divisão de uma das maiores empresas de comunicação em massa dos EUA, a The Walt Disney Company, que hoje é proprietária da Marvel), conseguiu os direitos para lançar os X-men nos cinemas. Utilizando como alguns dos principais temas o preconceito e intolerância para com o “diferente”, os filmes aumentaram ainda mais o sucesso da editora, destacando sua representação de minorias e criando a partir daí mais obras cinematográficas e televisivas.

Nos Anos seguintes, a Marvel abriu seu próprio estúdio de cinema e com o aumento da atenção mundial para temas que incluem mais diversidade, ela vem trabalhando na produção de filmes, documentários e séries (por alguns anos, em

parcerias com diversos canais e plataformas de streaming) que representam, através de seus personagens e histórias, diversos grupos sociais. De suas parcerias com alguns streamings, podemos citar as colaborações com a famosa Netflix: “Luke Cage” (2016), que representa a comunidade negra. “Demolidor” (2015), representando os bairros pobres e as pessoas não videntes e/ou baixa visão. E “Jessica Jones” (2015), representando as mulheres e suas lutas pela liberdade, e contra o abuso e a violência. Entre as produções de seu próprio estúdio, séries como “Falcão e o Soldado Invernal” (2021), “Mulher-Hulk: Defensora de heróis” (2022) e nova série do Demolidor (2025) representam uma proposta semelhante de representatividade. No cinema tivemos produções como Pantera Negra (em 2018 e 2022), Capitã Marvel (primeiro em 2019 e depois em 2023, ao lado de Miss Marvel e Fóton) e Capitão América/Falcão (2025), dando espaço e destaque para vários dos personagens aqui citados.

Figura 19 - Demolidor (2015), Jessica Jones (2015) e Luke Cage (2016) são exemplos de séries representativas da Marvel em outras mídias.



Quanto às opiniões dos leitores (e também do público dos materiais comercializados em mídias fora dos quadrinhos), ainda há uma já esperada divisão. Muitos acusam a Marvel de “forçar” uma era de diversidade para adaptar-se ao atual momento social do mundo. O termo “lacração” é constantemente usado por leitores que não aceitam que “certos” personagens tenham tanto destaque. Porém, é enorme

o número de leitores e leitoras de cor, da comunidade LGBTQIAPN+ e de várias partes do mundo que acompanham e comemoram cada espaço que seus semelhantes fictícios conseguem alcançar.

É importante termos noção de que há ainda um longo caminho a ser percorrido para que todos os grupos aqui mencionados conquistem o real espaço de igualdade e respeito que merecem (não só nas páginas dos quadrinhos, mas também no mundo real), mas podemos afirmar que iniciativas como Marvel's Voices, Women of Marvel, All-New Marvel Now e a criação de diversos personagens e histórias, assim como todo o envolvimento dos artistas que fazem parte desses grupos e trabalham nessas obras, contribuíram (e contribuem) para o crescimento da luta por esse espaço. Existe o progresso. Já o retrocesso não é uma opção viável para o momento em que nos encontramos.

Particularmente, a experiência de escrever sobre um produto que consumo há muitos anos e de maneira que contribua para vários grupos de minorias sociais do qual faço parte e convivo, é de extrema importância para mim como pessoa. É um trabalho que pretendo continuar explorando e expandindo, não só como trabalho textual, mas em outras mídias que englobam o campo da comunicação social, com o qual pretendo me especializar mais e mais.

Figura 20 - Arte promocional de Marvel's Voices – The Avengers (2023) com personagens representantes da diversidade.



REFERÊNCIAS

ALOSSON, Tor. The Yellow Kid (1894-1898): Pioneering American Comic Strip and the Birth of Yellow Journalism. Toonsmag, 2024. Disponível em: <https://www.toonsmag.com/the-yellow-kid/>. Acesso em: dezembro de 2024.

BEAZLEY, Mark, BRADY, Matt, YOUNGQUIST, Jeff. Enciclopédia Marvel. Panini Comics. 2005

BELT, Robyn. The Origin Stories Behind the 'Women of Marvel'. Marvel, 2023. Disponível em: <https://www.marvel.com/articles/comics/the-origin-stories-behind-the-women-of-marvel>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

BORGES, Thiago. "It Ain't Me, Babe": a pioneira antologia feminista que deu voz às autoras independentes nos EUA. O quadro e o risco, 2022. Disponível em: <https://oquadroeorisco.com.br/2022/06/15/it-aint-me-babe-primeiro-gibi-feito-por-mulheres-eua/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

CIMARUSTI, Nick. Pride 2024: The Best Queer Moments in Marvel Comics, 2024. Disponível em: <https://www.sideshow.com/blog/best-queer-moments-marvel-comics-history#:~:text=Though%20the%20first%20gay%20Marvel,-name%2C%20mainstream%20super%20heroes>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

COVEIRO. Confira as capas variantes da edição Marvel's Voices: Identity 2022. Marvel 616, 2022. Disponível em: https://www.marvel616.com/2022/04/confira-as-capas-variantes-da-edicao_14.html. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. Edição Marvel Voice's: Legacy 1 ganha capas variantes por vários artistas renomados. Marvel 616, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/01/edicao-marvel-voices-legacy-1-ganha.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. Em agosto sai Marvel's Voices: Identity em homenagem ao mês do Patrimônio Pacífico-Asiático Americano. Marvel 616, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/05/em-agosto-sai-marvels-voices-identity.html#:~:text=A%20edição%20chega%20as%20lojas%20em%2011%20de%20Agosto>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. Março do próximo ano terá nova edição de "Mulheres da Marvel". Marvel 616, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/12/marco-do-proximo-ano-tera-nova-edicao.html>. Acesso em: 19 de abril 2022

COVEIRO. Marvel anuncia para junho a edição Vozes da Marvel: Orgulho de 2023. Marvel 616, 2023. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2023/04/marvel-anuncia-para-junho-edicao-vozes.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. Marvel divulga capas e as primeiras imagens da edição de Women of Marvel de 2023. Marvel 616, 2023. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2023/03/marvel-divulga-capas-e-as-primeiras.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2025.

COVEIRO. Marvel lança capas variantes em fevereiro para o Mês da Consciência Negra. Marvel 616, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/01/marvel-lanca-capas-variantes-em.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. Marvel Voices convoca artistas indígenas para celebrar a herança dos Nativos Americanos em novembro. Marvel 616, 2020. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2020/10/marvel-voices-convoca-artistas.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. MARVEL'S VOICES: PRIDE reunirá autores e personagens LGBTQ+ numa super edição especial. Marvel 616, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/03/marvels-voices-pride-reunira-autores-e.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

COVEIRO. NYCC 2024: Nova edição de Mulheres da Marvel é anunciada para fevereiro de 2025. Marvel 616, 2024. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2024/10/nycc-2024-nova-edicao-de-mulheres-da.html>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

DALBETO, Lucas do Carmo. Identidade Secreta: Super Gay. Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI. Londrina. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT4/IDENTIDADES%20SECRETAS%20SUPERGAYS.pdf>. Acesso em: agosto de 2017.

D'ANGELO, HELÔ. Madrinha das HQs underground, Trina Robbins mapeia produção de quadrinistas mulheres. Cult, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/trina-robbins-madrinha-dos-quadrinhos-underground/>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

DIÁRIO, Esquerdo. O surgimento do movimento LGBT em HQ. Esquerda Diário, 2015. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/O-surgimento-do-movimento-LGBT-em-HQ>. Acesso em: dezembro de 2017.

FINCO, Nina. O novo visual dos heróis dos quadrinhos. ÉPOCA, 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/07/o-novo-visual-dos-herois-dos-quadrinhos.html#:~:text=“O%20universo%20Marvel%20como%20vocês,jornal%20New%20York%20Daily%20News>. Acesso em: dezembro de 2017.

FRANK, Priscilla. A história radical e empoderadora da primeira história em quadrinhos feminista feita por mulheres. Portal Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-radical-e-empoderadora-da-primeira-historia-em-quadrinhos-feminista-feita-por-mulheres/>. Acesso em: 19 de junho 2020.

GAGLIONI, Cesar. Por que Stan Lee falava “Excelsior”? Jovem Nerd, 2018. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/noticias/filmes/por-que-stan-lee-falava-excelsior>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2025.

GUERRA, Fábio Vieira. A Crônica dos Quadrinhos: Marvel Comics e a História Recente dos EUA (1980 – 2015). Niterói. 2016. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1815.pdf>

GUERRA, Fábio Vieira. Super Heróis Marvel e os Conflitos Sociais e Político nos EUA. Centro de Estudos Gerais – CEG. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia- ICHF. Niterói. 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2011_Fabio_Vieira_Guerra.pdf. Acessado em: agosto de 2017.

HARVEY, R.C. Outcault, Goddard, the Comics, and the Yellow Kid. The Comics Journaus, 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160612223437/http://www.tcj.com/outcault-goddard-the-comics-and-the-yellow-kid/>. Acesso em: 02 de dezembro de 2017.

HESSEL, Marcelo. Homem de Gelo dos X-Men ganha sua primeira série solo. Omelete, 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/x-men/homem-de-gelo-dos-x-men-ganha-sua-primeira-serie-solo-veja>. Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

HOWE, Sean. Marvel Comics: A história Secreta. Casa da Palavra. 2013

JAMESONS, Redação. ESTÃO ESTRAGANDO A MARVEL? O que Stan Lee pensava sobre a diversidade nas HQs. Jamesons, 2021. Disponível em: <https://jamesons.com.br/estao-estragando-a-marvel-o-que-stan-lee-pensava-sobre-a-diversidade-nas-hqs/>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

JAMESONS, Redação. EXCLUSIVO! Entrevista com Luciano Vecchio, o argentino que tem levado diversidade para a Marvel. Jamesons, 2021. Disponível em: <https://jamesons.com.br/exclusivo-entrevista-com-luciano-vecchio-o-argentino-que-tem-levado-diversidade-para-a-marvel/#:~:text=Para%20quem%20n%C3%A3o%20conhece%2C%20Luciano,que%20reside%20em%20Buenos%20Aires>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

JAMESONS, Redação. Marvel anuncia antologia para seus heróis celebrando o Mês da História Negra. Jamesons, 2023. Disponível em: <https://jamesons.com.br/marvel-anuncia-antologia-para-seus-herois-celebrando-o-mes-da-historia-negra/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

JAMESONS, Redação. Marvel anuncia HQ especial para celebrar os seus heróis LGBTQs. Jamesons, 2021. Disponível em: <https://jamesons.com.br/marvel-anuncia-hq-especial-para-celebrar-os-seus-herois-lgbts/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

KUNZLE, David M. comic strip. Britannica, 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/comic-strip>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

LAUDENIR, ANTONIO. De Maracanaú para o mundo, conheça o cearense que estreia nos quadrinhos da Marvel. *Diário do Nordeste*, 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/de-maracanau-para-o-mundo-conheca-o-cearense-que-estrea-nos-quadrinhos-da-marvel-1.3141677>. Acesso em: 20 de março de 2024.

MILLER, FRANK. *Elektra: Incarnations*, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w1bJOtf7u5U>. Acesso: 14 de dezembro de 2017.

Mês do Orgulho LGBTQ+: Conheça as histórias de "Vozes da Marvel: Orgulho" #1. Disney, 2022. Disponível em: https://www.disney.com.br/novidades/mes-do-orgulho-lgbtq-conheca-as-historias-de-vozes-da-marvel-orgulho-1?int_cmp=marvel_voices_pride_2023. Acesso: 14 de dezembro de 2024.

NERD, The X-men. Why Phoenix had to die! *Uncanny X-men.Net*, 2012. Disponível em: <https://uncannyxmen.net/secrets-behind-the-x-men/why-phoenix-had-to-die>. Acesso em: 09 janeiro 2025.

PALANKOF, Dandara. A HQ é queer. *O Grito*, 2020. Disponível em: <https://revistaogrito.com/plaf-a-hq-e-queer-1/#:~:text=os%20quadrinhos%20de%20temática%20homossexual,da%20mentalidade%20conservadora%20da%20sociedade>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

PEDRO, Marcus. Marvel's Voices chega em sua última edição com Marvel's Voices: Heritage. *Marvel 616*, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/08/marvels-voices-chega-em-sua-ultima.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

PEDRO, Marcus. Women of Marvel é anunciado para celebrar as grandes criadoras da Casa das Ideias. *Marvel 616*, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/01/women-of-marvel-e-anunciado-para.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

PEDRO, Marcus. Marvel Voices retorna em 2022 dando vozes a história dos negros. *Marvel 616*, 2021. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2021/12/marvel-voices-retorna-em-2022-dando.html#:~:text=Em%202018%2C%20o%20Marvel%27s%20Voices,por%20todo%20o%20universo%20Marvel>. Acesso em: 14 de dezembro 2024.

ROCHÉ, ANGÉLIQUE. So, What Is Marvel's Voices? *Marvel*, 2020. Disponível em: <https://www.marvel.com/articles/comics/so-what-is-marvel-s-voices>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

RODINISZTEY, Rafaelle. Personagens LGBTQIA+ nos quadrinhos mainstream. *Delirium Nerd*, 2020. Disponível em:

<https://deliriumnerd.com/2020/09/22/personagens-lgbtqia-nos-quadrinhos-mainstream/>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

WELLE, Deutsche. O longo caminho dos super-heróis negros nos quadrinhos. Carta Capital, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/o-longo-caminho-dos-super-herois-negros-nos-quadrinhos/>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.